



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - ESCUTAS TELEFÔNICAS CLANDESTINAS		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0335/08	DATA: 08/04/2008
INÍCIO: 15h18min	TÉRMINO: 18h19min	DURAÇÃO: 2h47min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 2h47min	PÁGINAS: 102	QUARTOS: 34

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Depoente.

ALEX MARTINS - Depoente.

MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Depoente.

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.

Há palavras ou expressões ininteligíveis.

A reunião foi suspensa e reaberta.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Declaro aberta a 23^a reunião ordinária da Comissão Parlamentar de Inquérito com a finalidade de investigar escutas telefônicas clandestinas/ilegais, conforme denúncia publicada na revista *Veja*, edição 2.022, nº 33, de 22 de agosto de 2007.

Encontram-se sobre as bancadas cópias das atas da 21^a e 22^a reuniões.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Peço dispensa da leitura, tendo em vista os avulsos que foram distribuídos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O ilustre Deputado Simão Sessim requer a dispensa da leitura.

Dispensada a leitura das atas, a pedido dele.

Em discussão as atas. (*Pausa.*)

Não havendo quem queira discuti-las, em votação.

Os Deputados que aprovam as atas permaneçam como se encontram. (*Pausa.*)

Aprovadas as atas.

Esta reunião de audiência pública foi convocada para tomada de depoimento dos Srs. Waldecir Alves de Oliveira, Alex Martins e Marlésio Maurício Martins. (*Pausa.*)

Vou pedir ao Sr. Waldecir Alves de Oliveira que tome assento à mesa e peço aos Srs. Alex Martins e Marlésio Maurício Martins que aguardem fora desta sala, acompanhados pelos nossos auxiliares, para que um não ouça o depoimento do outro. Então, o Sr. Waldecir Alves de Oliveira está convidado a vir à Mesa. Os outros 2, por favor, aguardem fora do estabelecimento, numa sala que será proporcionada aos senhores. (*Pausa.*)

Antes de passar a palavra ao depoente, peço a atenção aos senhores presentes para os procedimentos que iremos adotar.

O tempo concedido ao depoente será de 10 minutos, não podendo ser aparteado.

Os Deputados interessados em interpelá-lo deverão inscrever-se previamente junto à Secretaria.

O Relator disporá do tempo que for necessário para as suas interpelações.



O autor do requerimento terá prazo de 15 minutos para fazer suas interpelações, computado nesse tempo o prazo para as respostas dos depoentes.

Cada Deputado inscrito terá o prazo de 10 minutos para fazer suas interpelações, computado nesse tempo o prazo para as respostas dos depoentes.

Para atender às formalidades legais, foi firmado pelo depoente Termo de Compromisso que integra o formulário de qualificação, de cujo teor faço a leitura: *"Sob palavra de honra, o depoente promete dizer a verdade do que souber e lhe for perguntado".*

Com a palavra o Sr. Waldecir Alves de Oliveira, por até 10 minutos, para fazer as suas considerações a respeito da sua atividade profissional.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Trabalho no ramo de telecomunicações, tenho uma empresa legalizada e não sei por que estou sendo chamado aqui, por que estou sendo acusado, para minha surpresa, para mim e para minha família. Não sei por quê. Até gostaria de saber por que estou sendo chamado aqui. Não trabalho com escuta telefônica clandestina, não faço escuta telefônica clandestina. Já foi isso perguntado anteriormente. Entendeu? Eu tenho sempre meu nome arrolado em escutas. Eu não sei por que, se é perseguição. Entendeu? Eu, até hoje não sei por quê. Sempre meu nome está arrolado em jornais, em revista, e eu decidi, até mesmo por conta própria, e um dia que vocês me chamasse eu viria de plena satisfação. Eu queria esclarecer bem isso, porque estou sendo acusado de uma coisa que eu não faço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nada mais havendo a se pronunciar, vou passar, tendo em vista a ausência do Relator neste momento, a palavra ao ilustre autor do requerimento, Deputado Simão Sessim.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sr. Presidente, a não-presença do Relator tira um pouco do norte que nós teríamos nesse depoimento e nos depoimentos que vão se dar hoje aqui. Mas, de qualquer forma, V.Exa. vai fazer também as suas perguntas. Acredito que nós tenhamos uma abrangência maior.

Realmente, quando da convocação para que nós tivéssemos aqui os depoentes, o Alex Martins, o Marlésio e o Waldecir, esse requerimento foi oriundo dos depoimentos feitos aqui pelo Neto, que é da Telemar, e pelo depoimento do Arthur Madureira Pinho, onde eles citam que havia... quando perguntados se havia,



se eles conheciam pessoas que faziam gramos ilegais, eles citaram, claramente, tanto o Neto como o Arthur Madureira Pinho, ambos citaram o Alex Martins, o Marlésio e o Waldecir. E nesses depoimentos, eles dizem, inclusive, que participavam de interceptações, ou contratadas, ou por apelo de alguém, por interesse próprio, não sei.

O que eu queria, Sr. Presidente, era saber do Sr. Waldecir, primeiro, se ele confirma que realmente alguma vez ele foi processado por escuta ilegal, por procedimento de interceptação ilegal. Minha primeira pergunta.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu nunca fui processado, nunca fui indiciado por escuta telefônica. Não tem meu nome. Sempre fui como testemunha de acusação. Entendeu? Só que eu não posso acusar ninguém, porque se eu não vi, não participei, mas sempre me arrolaram, por eu ser técnico da área, como testemunha de acusação. Eu nunca fui incriminado por nada. Nunca tive meu nome arrolado por nada. Já tentaram me envolver, entendeu? Mas só que eu nunca participei e nunca fui processado por nada. Até então, meu nome... Acho que...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor não responde a nenhum processo de escuta ilegal?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nenhum processo, não, senhor.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor conhece o Neto e o Arthur Madureira Pinho, da Telemar, que trabalhavam na fiscalização para coibir as interceptações ilegais?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu conheço o Sr. Neto porque uma vez ele esteve no meu apartamento — entendeu? —, alegando que tinha diversas escutas no meu apartamento. Ele chamou a imprensa, foi na delegacia dos serviços delegados. Entendeu? Eles arrumaram uma autorização judicial para arrombar meu apartamento. Entendeu? Botaram policiais no meu apartamento. Eu não pude entrar, não pude entrar, não tive acesso. No dia seguinte, quando o dia amanheceu, o delegado estava no meu apartamento, com alguns policiais, uns 8 policiais, com toda a imprensa e pediram para fazer uma vistoria no meu apartamento, que eles tinham autorização judicial. Eu falei: *"Pode entrar. Perfeitamente"*. Eles entraram, examinaram meu apartamento todo. Inclusive, ele começou a abrir os telefones, examinar tudo, olharam tudo. Entendeu? E me



perguntaram cadê as escutas telefônicas que estavam dentro do meu apartamento. Eu falei: *“Eu não sei do que o senhor está falando. No meu apartamento não tem escuta”*. *“Tem escuta, sim, senhor”*. Eu falei: *“Não tem escuta”*. *“Porque o Sr. Neto confirma, com tanta convicção, que tem escuta no seu apartamento”*. Eu falei: *“Não tem escuta”*. Eles olharam tudo. Levaram a perícia, um perito, o Dr. Napoleão, que era o delegado titular da delegacia, do serviço de delegado, e alguns policiais da CORE e olharam o meu apartamento todo. Posterior a isso, eles me chamaram — entendeu? — que eu comparecesse à delegacia dizendo que não tinha encontrado nada no meu apartamento e me pedindo desculpas.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Apreenderam algum material que tivesse,...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nenhum material.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM ... que procedesse, que pudesse ser usado para interceptação?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nenhum material. Meu apartamento não tem nada de aparelho, não tem nada de gravação. É o apartamento onde eu moro.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sr. Waldecir, o senhor podia nos dar a sua vida profissional, o que que o senhor fez até hoje dentro da sua vida profissional. O senhor trabalhou, qual foi o ramo que o senhor trabalhou, qual foi a sua atividade melhor, a mais longa que o senhor participou?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - A mais longa é área de telecomunicações.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Telecomunicações?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor foi funcionário da Telemar?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Fui funcionário da Telemar.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ah, foi?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Fui.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Por quanto tempo?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Uns 8 anos.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Trabalhou no setor de linhas, setor de...



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Trabalhei. Conheço muito instalação e reparo. Sou técnico.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor chegou a ver durante essa passagem, durante essa sua, esse seu tempo na Telemar, o senhor chegou a ver algum tipo, ver algum tipo de ligação clandestina?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca vi nada.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca vi nada.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca teve, nunca foi chamado...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca, nunca.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - ... para fazer vistoria de linha?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca fui chamado para vistoria de linha, nunca vi nada. Todos os lugares que eu ia — entendeu? — para poder fazer verificação, nunca vi grampo nenhum, nunca vi gravador em lugar nenhum, nunca vi.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor conhece o Sr. Alex e o Sr. Marlésio? Eram seus colegas lá, na Telemar, ou não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não conheço o Sr. Alex, não conheço o Sr. Marlésio. O Sr. Alex que eu conheço não é esse rapaz aí. O Sr. Alex que eu conheço tem 10 anos que eu não vejo. Ele desapareceu. Até pensei que fosse o mesmo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Depois que o senhor saiu da Telemar, o senhor trabalhou por conta própria, o senhor tinha empresa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu tenho empresa. Minha empresa é legalizada.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor tem empresa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Tenho. Minha empresa é legalizada.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sua empresa, ela presta serviço a alguma, a algum cliente ligado à área pública?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu presta serviço a todo o Rio de Janeiro.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Hein?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu presto serviço... Por exemplo, há necessidade de fazer uma verificação numa empresa. Eles me contratam — entendeu? — e eu dou o orçamento — entendeu?. Aceito.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Que tipo de...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Varreduras, para verificar se tem escuta. Troca de cabeamento — entendeu? —, porque às vezes eles alegam que a empresa não tem mão-de-obra, não tem pessoa que saiba fazer aquele serviço.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Alguma vez lhe pediram, algum desses clientes, para fazer uma escuta ilegal?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não senhor.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nenhuma?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Escuta ilegal não senhor.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ninguém?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ninguém.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ninguém lhe contratou?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ninguém lhe pediu?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não, não, não, não. Escuta ilegal não. Me contratam, sim, quando as pessoas se sentem ameaçadas, que essas ligações vêm de dentro de presídio, eles me pedem para mim instalar um bina e pedem para mim instalar um gravador junto à linha telefônica. Às vezes autoridades.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor teve contato com esses aparelhos mais modernos? O Guardião, por exemplo?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Conheço.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Conhece?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Conheço.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Conhece todos os aparelhos que hoje fazem...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Conheço.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - ... escuta e interceptações?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Conheço, conheço, conheço.
Entro na Internet, pesquiso bem.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - A sua empresa tem esses equipamentos?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não tem.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Só quem tem esse equipamento é a Polícia Civil.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Qual é o tipo de equipamento que o senhor trabalha? Na varredura não há necessidade de equipamento mais sofisticado?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Quando é ambiental sim. A gente, nós usamos câmera.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - A sua firma como é o nome, hein?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Central...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Central...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - ... W N...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Central...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - W...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - W...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - W.N.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - ...N.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Rio...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Rio...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - ... de Telecomunicações...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - ... de telecomunicações.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - ... Limitada.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ela está sediada onde? No Rio de Janeiro?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - No Rio de Janeiro. Na Rua Carla de Carvalho 60, 807.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Rua Carla de Carvalho, 60.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - CGC?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Tem, tem CNPJ, tudo direitinho. Minha firma é legalizada.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor já disputou alguma concorrência em algum órgão público?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Se eu já disputei?

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Que o senhor tenha ganho ou perdido?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Eu disputei uma concorrência para a ALERJ.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Para a ALERJ?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É. Eu não obtive resposta. Se eu ganhei, se eu perdi... Que outras firmas — né? —, porque a minha intenção, na ALERJ, no Rio de Janeiro, era junto a Telemar, pedir um cabo ótico — entendeu? —, acabar com aquela central velha — entendeu? —, instalar um digitronco — né? —, aonde seria praticamente impossível fazer escutas clandestinas junto da ALERJ. Entendeu?

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Por causa do tipo do aparelho?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É. Só que...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - De aparelhos fixos?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É. Só que eu não consegui a concorrência, também não sei qual a outra empresa que conseguiu.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sr. Waldecir, colabora com esta... comigo, principalmente, que não conheço bem o problema técnico. O aparelho celular ou aparelho fixo é a mesma situação, se quiserem fazer interceptações, tanto um como o outro tem facilidades ou não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sendo autorizado pela Justiça, sim.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sim.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sendo autorizado pela Justiça grampo de *e-mail*...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Quando o senhor estava na Telemar o senhor procedeu a alguma interceptação legal, com autorização judicial?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca fiz. Nunca fiz autorização. Nunca fiz grampo nenhum com autorização judicial. Nunca fiz.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E depois na sua empresa também não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Não. O que eu sempre fiz foi cabeamento...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não, eu digo na sua empresa como interceptação legal contratada por alguém na Justiça ou não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não. Na Justiça, não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ah, bom.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O que tem são pessoas que são ameaçadas — né? —, essas ligações que vêm de dentro do presídio. Às vezes, por exemplo, não ligam para mim, ligam para um conhecido. O conhecido: “*Pôxa, você pode ir na casa do doutor Fulano de Tal instalar um bina, instalar um gravador, que ele está recebendo ameaça, ameaça de seqüestro, ameaça de morte, diz que o filho, estão batendo no filho, o filho está chorando do outro lado? O senhor pode colaborar?*” “*Oh, o aparelho tem um custo de X e o bina tem um custo de X*”. Eu faço a instalação. Às vezes é 1 hora da manhã, 2 horas da manhã. Pego o meu carro vou lá e instalo. Eles me pagam no dia seguinte. Vou, recebo o meu dinheiro. Eu trabalho com isso.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Tá bem, Presidente.

Presidente, eu me considero satisfeito com as respostas e nada tenho...

A única pergunta... Aliás, mais uma pergunta: no Guardião, o senhor chegou a utilizá-lo alguma vez?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Só vi.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Só viu?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Só vi.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca viu funcionar? Onde foi, hein?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu vi no SIMPOL.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Aonde?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - No SIMPOL, na Secretaria de Polícia Civil. Vi em algumas delegacias no Rio de Janeiro que já têm o Guardião. Na Federal também tem. E...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Mas o senhor chegou a ver lá?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Vi, vi, vi através da página da Internet também.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Na Polícia Civil aonde? No Rio de Janeiro?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - No Rio de Janeiro. Rua da Relação, 42.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Secretaria de Segurança?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Secretaria de Polícia Civil.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ah, de Polícia Civil.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Secretaria de Segurança é na Presidente Vargas.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Tá bem.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Com a palavra a Deputada Marina Maggessi.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Na verdade, a maioria das perguntas que eu ia fazer o nobre Deputado já fez.

O senhor conhece muitos policiais civis no Rio de Janeiro?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Conheço. Meu filho foi policial civil durante 4 anos. Eu perdi meu filho. Meu filho foi assassinado com 24 anos. E eu tenho muito contato, porque meu filho foi policial civil, meu irmão foi comissário durante muitos, tá aposentado, inclusive tá morando em Araruama. Então, eu conheço muita gente na polícia.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - E na Polícia Federal também.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Também. Conheço, conheço muito gente na Polícia Federal.



A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - E esse conhecimento foi a partir da morte do seu filho, das investigações, ou... Seu filho foi polícia. Na verdade, a pergunta é essa: seu filho foi policial durante quanto tempo?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Meu filho foi policial durante 4 anos.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Já tem 4 anos morto?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Vai fazer 4 anos agora, dia 11. Dia 11 é hoje?

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Não. Hoje são 8.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Oito. Vai fazer dia 11 que o meu filho faleceu.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Eu lembro.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Quatro, onze. Vai fazer 4 anos.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Eu lembro, eu lembro da morte do seu filho. E várias delegacias trabalharam na investigação do seu filho?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Várias delegacias trabalharam. Todo mundo ajudou. Você mesmo foi na missa do meu filho, foi solidária.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - É. Também trabalhamos na investigação da morte do seu filho.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É. O doutor, na época, pediu, né?

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Você pode falar para as pessoas como foi que seu filho foi morto?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O meu filho foi morto...

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - E por que seu filho foi morto?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O meu filho foi morto é porque ele saiu, ele estava trabalhando dentro do depósito da DRFVAT, lá no Caju. Inclusive já se havia cogitado em acabar com esse depósito de carro velho dentro do Caju, porque para chegar a esse depósito de carro velho passava por dentro da favela pela boca de fumo, onde há uma facção chamada ADA — Amigos dos Amigos. E o meu filho saiu para jantar. Ao retornar, o meu filho, ele foi interceptado por diversos marginais. Na troca de tiro, meu filho tomou muitos tiros, foi levado para dentro da favela, mataram ele, colocaram na mala do carro e aí tocaram fogo. Nós ficamos



totalmente desequilibrados, a família toda, eu, minha esposa. Ele tem uma irmã que é síndrome de Down, que é gêmea dele. Nós ficamos desequilibrados. Inclusive nós tomamos remédio até hoje. É Rivotril, Bup, psiquiátrico. Fazemos tratamento psiquiátrico. Depois da morte de meu filho, eu fiquei diabético devido ao impacto.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Sr. Waldecir, seu filho era muito querido na polícia. Eu lembro que foi uma comoção muito grande a morte. Ele era um garoto novo. E, apesar de ter 4 anos só na polícia, nessa época, quem chefiava a DRFA era o Guimarães.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Era o Guimarães.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Ele foi meu chefe durante 10 anos.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Foi o Guimarães.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Eu estava lotada na Entorpecentes. Eu lembro que... Agora, eu quero também que fique aqui registrado que isso é um crime muito recorrente no Rio de Janeiro. Policiais são mortos só porque são descobertos.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele foi morto por causa da carteira. Quando meteram a mão no bolso dele, viram que ele era policial civil. Entendeu? A princípio, pelo que contam...

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - E os assassinos do seu filho?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Os assassinos, eu não sei. Uns foram mortos, outros estão presos. E foram os mesmos que assassinaram o Desembargador Melo Porto.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Exatamente.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Foram os mesmos. Ali no Caju.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Para mim, estou satisfeita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputado Laerte Bessa.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Sr. Presidente, vou fazer apenas uma pergunta ao Sr. Waldecir que é muito pertinente à função, à profissão dele. Aqui no depoimento do Sr. Artur Madureira de Pinho ele acusa você como grampeiro e você já nos declarou que nunca fez grampo, que nunca foi processado com respeito a isso. Eu queria fazer uma pergunta para você, mesmo porque você me disse, você



disse aqui no plenário que por várias vezes já saiu em revistas e jornais sendo acusado de grampeiro. Se você realmente não atua clandestinamente nessa área, por que você acha que aqui o Artur Madureira de Pinho e outras pessoas, principalmente a mídia, te acusam de grampeiro? Você sabe qual é o motivo que levaram essas pessoas a pensar dessa forma? Tem algum fato que ensejou as pessoas a pensarem dessa forma do seu trabalho profissional?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu penso que é ciúme da parte do Sr. Neto, porque ele não é técnico de rede, ele não conhece nada de telecomunicações. Inclusive ele exerce um cargo de chefia na área de segurança, incompatível com o conhecimento que ele tem de rede, porque ele não tem conhecimento nenhum. Entendeu? Muitas das vezes ele chegava em determinados locais, ele via que eu estava trabalhando e aquilo, ele ficava com raiva — entendeu? — porque ele achava que ele deveria apanhar aquele serviço — entendeu? —, e não eu estar presente naquele serviço — entendeu? —, executando aquela tarefa. Então, eu acho que ele ficou com inveja, com raiva, e daí por diante é perseguição. Agora, quanto ao Sr. Artur Madureira, se ele passar por mim, eu nem o conheço, nunca vi. Entendeu? Nem sei por que ele está sempre colocando meu nome. Eu nem o conheço, eu nunca vi. Tenho certeza também de que ele não me conhece.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - O Neto trabalhou contigo na Telemar?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não. Na época que eu trabalhei na Telemar, se eu não me engano, o Sr. Neto, ele era porteiro. Ele era porteiro. A pessoa entrava e ele anotava o crachá da pessoa. Ele era porteiro. Ele nunca trabalhou em rede. Ele não sabe, ele não conhece nada de telecomunicações. Ele é fraco de telecomunicações. Ele não conhece nada vezes nada. Agora, por que ele envolve meu nome nisso toda vez, eu não sei. Eu nunca fiz nada contra ele. Eu nunca fiz nada contra ele. Eu fico assim “esvarrecido” porque eu acho que é uma perseguição. Até, inclusive, depois, eu gostaria de perguntar ao Sr. Presidente se eu poderia ter cópia dessas, do que está se passando aqui hoje porque eu gostaria de tomar algumas atitudes legais junto ao meu advogado para que isso venha parar. Entendeu? Porque ele já chamou perícia para o meu



apartamento, ele já disse que eu estava envolvido em determinadas coisas que eu não estava, ele já tentou vincular meu nome a diversos lugares, ele está sempre lá no prédio onde eu moro mexendo na caixa telefônica. Entendeu? Pelo que me consta, ele já não trabalha mais na empresa. Ele foi mandado embora da empresa. Entendeu? Agora, pelo que me consta, ele foi mandado embora da empresa. Entendeu? Agora, tem que saber o porquê ele foi mandado embora. Entendeu? E ele não responde porque ele foi mandado embora. Era importante saber dele porque ele foi mandado embora da empresa.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - O.K., Sr. Presidente. Era só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sr. Waldecir, o senhor é funcionário, o senhor foi funcionário da TELERJ?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Fui funcionário durante 8 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quando começou sua carreira na TELERJ?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Foi em 1978.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E qual era sua função quando o senhor entrou na TELERJ?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sempre fui instalador, reparador. Sempre trabalhei na área da rede. Eu ia na Rede Ferroviária, ia na Marinha, ia na Polícia Civil, ia em diversos órgãos públicos instalar telefone, consertar telefone, ia no Itamaraty, ia no Metrô, ia em todos esses órgãos instalar telefone, consertar telefone, ia no Quartel General ali em frente ao Exército, aliás, ali em frente à Central do Brasil, o QG.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Isso na década de 70?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quer dizer, o senhor era um funcionário conceituado da empresa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sempre, sempre. Eu era um funcionário que todos os problemas que tinham com relação à vistoria... Inclusive na Federal também. Eu ia muito na Federal fazer checamento de linhas, examinar linhas. Sempre.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Tendo em vista essa sua competência e essa confiança que a empresa depositava no senhor pela forma como o senhor trabalhava, o senhor trabalhou colocando vários cabos dedicados em vários órgãos públicos, não é verdade?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu trabalhava internamente. Por exemplo, no Itamaraty tinha muito rato. O rato ruía o cabo e ninguém queria trabalhar no Itamaraty. A caixa era tipo num sótão, onde tinha muito morcego, muito rato, muito pombo. Entendeu? Quando... Nessa época eu era novinho, era magrinho. Eu pesava 63 quilos. Então, eu subia por umas escadas de ferro onde tinha acesso aos quadros telefônicos e dali eu conseguia substituir os cabos com, assim, rapidez, sem interromper as linhas telefônicas. Ia muito na Central do Brasil, consertar os telefones da Central do Brasil, ia muito no Itamaraty, ia muito na Marinha. Sempre trabalhei ...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Se não me engano, o senhor também ia muito naquele andar que tinha no Ministério da Fazenda, não é isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Nunca fui naquele andar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nunca foi no Ministério da Fazenda?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Naquele andar nunca fui. Eu sei que ali funcionava a ABIN, mas eu nunca fui lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nunca foi lá?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor nunca fez nenhum trabalho de ligação da empresa na ABIN?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Na época, acho que na época não se chamava ABIN. Na época, tinha um outro nome, não é?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - SNI.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - SNI. Isso mesmo.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca fui lá, nunca entrei naquele prédio. Inclusive estou até para ir lá, porque estou com um problema meu no



Imposto de Renda. Eu tenho que ir lá verificar para poder pagar porque estou com meu nome na dívida ativa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Na dívida ativa.

Então, o senhor passou quantos anos na TELERJ?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - De 78 e saí em 1986 mais ou menos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E depois que ela foi privatizada e virou Telemar, o senhor trabalhou na Telemar também?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Não trabalhei na Telemar, não trabalhei na Oi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, sua experiência profissional se deu apenas de 70 a 86, por durante 16 anos, na TELERJ do Rio de Janeiro?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Na TELERJ do Rio de Janeiro. Nunca saí do Rio de Janeiro para fazer serviço em lugar nenhum. Sempre trabalhei no Rio de Janeiro, ali na área da Presidente Vargas, ali na área da Praça Mauá, na 1º de Março.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E sempre trabalhando com essas instalações?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sempre com instalação, reparo, no Morro da Providência, ali na Rua Sara, na Gamboa. Aquela área, sempre trabalhei naquela área. Nunca atravessei para esse lado aqui dá... ali do Fórum. Nunca trabalhei ali naquela área. Aquela área era outra pessoa que trabalhava ali. Eu nunca trabalhei ali.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem era a outra pessoa que trabalhava lá?

O SR. WALDEMAR ALVES DE OLIVEIRA - Eu não me lembro. Não me lembro. Eram muitos funcionários. Eram cento e poucos funcionários.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quando a TELERJ foi privatizada, o senhor saiu? Foi despedido? O que aconteceu?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Eu comprei um apartamento financiado na Paulo de Frontin. Eu estava com algumas letras atrasadas. E eu



estava para perder o apartamento. Eu tinha uma opção: pedir a TELERJ que me mandasse embora, para eu pegar a minha indenização, para que eu pagasse aquelas prestações, ou perder o apartamento. Na época, a indenização era boa. Eu fiz os cálculos e pedi a um engenheiro, que era o Sérgio Firmino, que me mandasse embora. Ele não queria me mandar embora. Eu insisti que ele me mandasse embora, porque eu ia perder o meu apartamento, que eu tinha 2 filhinhos pequenos para criar. E ele, depois de muita contestação: *"Pôxa, nós vamos perder uma mão-de-obra. Você é uma camarada bom. Nós gostamos de você"*. Eu falei: *"Mas eu preciso dessa indenização, porque o único jeito de pagar o meu apartamento é com essa indenização"*. Saindo dali, eu paguei o meu apartamento, quitei as promissórias, fiquei com o apartamento quitado, e depois ainda me sobrou um dinheiro para mim comprar um táxi velho, como autonomia. Aí fiquei trabalhando uma época como taxista. Depois, voltei para a área de telecomunicações novamente. Depois que eu consegui legalizar a minha empresa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quando se deu e como se deu a sua volta ao ramo da telefonia?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu trabalhei na praça mais uns 6 anos como taxista, depois que eu saí da empresa. Mais uns 6 anos. Mas não deixava de atender os meus clientes. Os meus clientes, na parte de telefonia, me ligavam e eu ia atender. Nunca deixei de atender agências de automóveis que me ligavam: *"Olha, estou com defeito aqui"*. Houve um período em que a TELERJ instalava o telefone só até o quadro telefônico. Do quadro telefônico para cima, ela falava assim para o síndico: *"Se vira"*. E o síndico ligava para as pessoas que eram ex-funcionários, pessoas que trabalhavam. E dali... A TELERJ só era responsável até o primeiro ponto, até a caixa telefônica no prédio. Do prédio para cima, mandava chamar um funcionário qualquer. Chamava eu, chamava outra pessoa. E dali para cima nós fazíamos as nossas instalações. Nunca encontrei grampo, nunca vi nada de errado. Muito pelo contrário. Todo prédio que ficava sob a minha responsabilidade, a primeira coisa que eu fazia era o seguinte: *"Olha, já que eu vou tomar conta do prédio, como minha responsabilidade, eu quero fazer um rearranjo na caixa. Vou ver todas as linhas, se estão todas certinhas, as linhas paradas, o que está errado, o que está certo"*. Entendeu? Para cada apartamento, já deixava 2 ou 3



pontos telefônicos instalados. Entendeu? O rapaz da Telemar, quando ele chegava para instalar o telefone, ele só chegava até a caixa. Para cima, ele não subia. Não subia porque, além de não conhecer o serviço, ele bagunçava toda a rede telefônica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Aproveitando essa sua competência, essa sua *expertise* na matéria, até para esclarecer as pessoas que aqui não conhecem o *métier*, eu pergunto ao senhor o seguinte: para se fazer um grampo na rua, é possível fazer um grampo na rua sem ter algum técnico que saiba e conheça a rede de telefonia? Quer dizer, como é que eu vou adivinhar que um determinado parque que está passando num poste, numa determinada rua, pertence a uma determinada pessoa? É possível um leigo chegar lá e achar o apartamento da pessoa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Só quem conhece do ramo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quer dizer, um grampo só pode ser feito...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Por uma pessoa que conhece.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ou seja, ou uma pessoa que esteja trabalhando na rede, ou uma pessoa que já trabalhou na rede.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Que já trabalhou na rede. Exato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Essa empresa que o senhor fundou, que hoje o senhor a tem, que se chama Central, desde quando ela está em funcionamento?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Deve ter uns 12 anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Doze anos?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doze anos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor tem algum sócio nela?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Minha esposa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sua esposa.

O senhor mora onde hoje?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu moro na Carlos de Carvalho, 60, apartamento 807.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Que fica no bairro...



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - No Centro. Na Cruz Vermelha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Na Cruz Vermelha. Foi nesse apartamento que a polícia esteve?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Foi nesse apartamento que a polícia esteve.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Existe um apartamento também no Leblon, ou não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não existe apartamento no Leblon. O apartamento do Leblon era o apartamento que o meu filho que ia casar iria morar. Não tem apartamento no Leblon.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E nesse apartamento onde o seu filho iria morar, em alguma ação praticada pela polícia, talvez antes dele morar, foi encontrado alguma coisa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não foi encontrado nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Foi feito busca lá?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não foi feito busca lá. O apartamento do meu filho já estava vazio, porque o meu filho já havia falecido. Eles foram lá, fizeram busca no apartamento, não encontraram nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Eles quem, Seu Waldecir?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eles... É o que... É essa pessoa que me persegue. É o Seu Neto. Ele inventa essas coisas da cabeça dele, diz que tem grampo. Entendeu? E está sempre me perseguinto, me persegundo. Bota o meu nome no jornal, e eu estou querendo até saber... Eu estou sendo perseguido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas o Seu Neto não foi lá com alguém? Ele foi sozinho? É isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O Seu Neto, ele me persegue há muitos anos. Eu moro na Carlos de Carvalho já tem 11 anos. Tá? O Seu Neto, toda semana, ele está mexendo na caixa telefônica. Quando ele não vai, ele manda outra pessoa de confiança dele. Toda semana ele está lá. Toda semana ele está lá. Ele me persegue dia e noite. Dia e noite. Eu não sei por qual razão. Entendeu?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas, voltando à minha pergunta, objetivamente, o senhor disse que o Seu Neto... Ele deve ter ido lá em companhia de alguém. Da polícia, ou ele foi sozinho a esse apartamento?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Na época, na época ele foi lá...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - No Leblon?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - ...no Leblon, em companhia da polícia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Que unidade policial? O senhor sabe quem era o delegado, qual era a unidade policial?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu acho que ele foi com a 14^a DP.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Com a 14^a DP. E nada foi encontrado? Nada foi constatado?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nada foi encontrado. Nada foi encontrado. Não tinha nem telefone no apartamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor já foi indiciado pela polícia?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca fui indiciado. Não respondo a processo, não respondo a nada. Sempre me chamam no intuito de me autuar como testemunha de acusação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Esse aqui é o senhor?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor não foi indiciado no art. 155, § 3º?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Negativo. Não fui indiciado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pela Delegacia de Crime Organizado, pela DRACO?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca fui indiciado. Nunca fui indiciado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, esse documento não diz respeito ao Sr. Waldecir Alves de Oliveira?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. É eu mesmo, mas isso aí é uma história longa.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - País: Custódio Alves de Oliveira e Arminda Adelaide de Oliveira.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É isso mesmo. É isso mesmo. Isso é uma história longa, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nascido em 1957?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Isso é uma história longa. Sou eu mesmo. Sou eu mesmo que estou aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então isso não existe?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Para mim, não existe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sim, mas para a polícia existe?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não existe também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, qual é a história?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu nunca fui chamado para depor. Eu fui com o meu advogado lá, eu falei... Ele queria fazer uma chantagem comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ele quem?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O doutor, o doutor — deixa eu ver qual era o nome dele — Milton Olivier. Ele falou: *"Waldecir, você me assina esse documento aqui, entendeu?, acusando um amigo dele lá — ou inimigo —, dizendo que esse local aqui, entendeu? era dele, que eu te tiro fora desse inquérito".* Eu falei: *"Doutor, olha só: eu não vou fazer isso. O senhor me bota no inquérito, porque eu não vou acusar uma pessoa inocente — entendeu? —, para o senhor — entendeu? —, para satisfazer o seu ego. Eu não vou fazer isso. Esse tipo de conversa não funciona comigo. O senhor não me leva a mal".* Falei com ele: *"Eu não vou"*. Aí, quando eu me apresentei com o meu advogado, o meu advogado falou com ele: *"O meu cliente só depõe a partir de hoje em juízo"*. Depois, eu nunca mais fui chamado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor poderia contar qual é a história? Porque, segundo o senhor, o senhor teria que acusar alguém por determinação, orientação ou por uma pressão de um delegado da polícia, que seria o Dr. Milton Olivier.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Exato.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não é isso? Então, qual é a história? Ele queria que o senhor acusasse quem? De quê? E por quê?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele gostaria que eu acusasse o Dr. Ricardo Hallack, que era chefe de polícia, porque ele tinha vontade de ser chefe de polícia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas em 2002?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O Dr. Ricardo Hallack era chefe de polícia em 2002?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Chefe de polícia. Chefe de polícia. Não. Depois disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Porque é o Inquérito 49, de 2002. Não é isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Depois disso. O Ricardo Hallack e o Alcides assumiram a chefia de polícia, e ele não conseguiu ser chefe de polícia. O grande sonho dele era ser chefe de polícia na época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sim.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - E ele queria... Ele fez um depoimento dizendo que eu teria que dizer que o apartamento lá, da São Xavier, pertencia ao Alcides.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Apartamento de onde?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Da São Francisco Xavier, lá em frente à Mangueira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Dr. Waldecir, preste atenção em uma coisa. As pessoas que estão aqui, algumas são do Rio de Janeiro, e algumas conhecem, vamos dizer, o Rio de Janeiro. Agora, alguns Deputados aqui não são do Rio de Janeiro. Então, eles não conhecem, e não conhecem a história.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Certo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, seria interessante o senhor explicar o que é esse apartamento, a quem pertencia, o que aconteceu lá. A história tem que ter início, meio e fim. Se o senhor pudesse contar a história com início, meio e fim, para que as pessoas pudessem entender.



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Euuento a história. Euuento a história. A DAS, a Delegacia Anti-Seqüestro, estava com uma investigação para prender uma pessoa na Mangueira. E quem era responsável por essa parte de escuta, na época, se chamava Fernando, um policial. Não é o Fernando Moraes, não. Fernando Moraes é o delegado titular.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É. Era o Fernando, Fernando Cabeça. Esse rapaz queria morar em frente à Mangueira, da onde ele iria obter a foto do Buraco Quente da Mangueira, a foto... da onde ele poderia observar de binóculo, da onde ele poderia ter acesso com o (*ininteligível*), ver os traficantes falando. Porque antigamente a tecnologia permitia. Você, através do radinho... a tecnologia antiga permitia você fazer o rastreamento e pegar os vagabundo falando. Então ele, na época, ele solicitou que eu alugasse um apartamento para ele ali. Eu falei com ele que eu não poderia fazer. Então ele pediu que se o meu irmão pudesse alugar o apartamento para ele ali. O meu irmão foi e alugou um apartamento ali, dando um depósito de 3 meses de aluguel. Ali ele se hospedou ali, ele passou a morar, porque ele era um pessoa muito insistente. Ele era bom de investigação. Ele, quando queria prender alguém, ele alugava, botava roupa de lixeiro, ia para o meio da rua fuçar lixo, entendeu? Ele nasceu para fazer aquilo. Então, o Fernando, ele mesmo tinha os contatos dele, aonde ele fazia os serviços dele, entendeu? Eu conheci o Fernando, me dava bem com ele, mas essa parte operacional das... que é feito serviço com autorização eu nunca me envolvi nisso. Só que, quando aconteceu o problema, eles me chamaram, dizendo que o apartamento...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Que problema? O senhor podia explicar qual é o problema? Porque as pessoas não sabem qual é o problema. Nós não sabemos qual é o problema.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ah, muito bem, muito bem. O delegado dele na época, o Fernando Moraes, ele esteve lá no apartamento junto com o Seu Neto e o pessoal da Telemar, e lá parece que ele encontrou qualquer coisa ligada a escuta, dentro desse apartamento. E eles queriam que eu assumisse essa autoria. Queriam que eu assumisse, dizendo que isso era serviço meu. E eu falei que não era serviço meu, não era serviço meu. Que eles deveriam procurar o



Fernando e conversar isso com o Fernando. Esse policial Fernando veio a falecer, inclusive porque ele perdeu a vida ali na área de São Cristóvão. E o Dr. Milton (*ininteligível*) sabendo disso tudo, ele queria arrumar que eu... ele queria que eu aceitasse isso, que o apartamento era meu, que aquele serviço era meu. Eu falei: “Doutor, eu não posso aceitar isso. Isso eu não vou aceitar”. “Então você... Eu te tiro fora do inquérito. Você diz que é do Ricardo Hallack e do Alcides”. Eu falei assim: “Eu não vou aceitar isso. Eu... O senhor pode me botar no inquérito, porque isso eu não vou fazer, não, senhor. Depois eu contrato meu advogado e respondo em juízo, porque o que o senhor está querendo fazer comigo isso não está certo, doutor”. Eu falei com ele. Ele falou: “Então vou pedir a sua prisão preventiva, vou pedir a prisão de um outro policial também”. E começou a me ameaçar. Aí eu falei com ele: “Doutor, eu não trabalho sob ameaça. O senhor me desculpe, mas eu só falo perante o juiz e na presença do meu advogado”.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Sr. Presidente, o senhor me permite? Waldecir, só para entender: o Fernando Cabeça estava trabalhando na DAS e foi o Dr. Fernando Moraes que estourou o apartamento?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Foi. O Dr. Fernando Moraes, ele estourou o apartamento do outro Fernando, porque o outro Fernando não deu ciência que ele estava fazendo esse trabalho sem autorização. E ele parece que se sentiu traído, se sentiu lesado, e ele foi atrás para saber onde o Fernando estava, entendeu?

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Então não era uma investigação de seqüestro, era uma investigação de tráfico, é isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Era.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Por conta própria.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Pelo que me consta, o Sr. Neto, junto com o pessoal lá do Seu Arthur Madureira, eles foram à delegacia do “Gato”. Na delegacia do “Gato” não tinha ninguém para ir lá no apartamento. É a delegacia que trata dessa parte. Foi na outra delegacia ali da área, parece que a 20 DP. A delegacia também não tinha ninguém para mandar. Eles, como tinham muito serviço em andamento lá na DAS, tinham muita amizade com o Dr. Fernando Moraes, eles solicitaram ao Dr. Fernando Moraes, e o Dr. Fernando Moraes, de imediato, ele foi



para lá para saber qual era o funcionário dele que estava naquele apartamento e fazendo que tipo de serviço; que tipo de serviço era esse. Só que ele chegou lá, eles colocaram uma escada pela janela e invadiram o apartamento, arrebentaram o apartamento todo, e mexeram em tudo. E, no final, quiseram botar a culpa para cima de mim, e eu não estava nem no local. Eu nem morava lá. Quiseram botar a culpa para cima de mim. Que eu seria responsável por aquilo, que eu teria conhecimento daquilo. Eu não tinha nem amizade com o Fernando direito. Eu conheci o Fernando, sim, porque tinha diversos negócios. Ele tinha loja de tinta, ele tinha loja de bugre, conserto de bugre, loja de moto. Conhecia ele dessa área e sabia que ele era policial civil que trabalhava com isso.

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O Deputado Arnaldo Faria de Sá tem um questionamento?

O SR. DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ - Eu só queria saber do Waldecir se ele tem conhecimento por que o Fernando morreu.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O Fernando morreu porque ele matou o pai de um traficante lá no Morro do Tuiuti. O traficante fugiu, ele botou a pistola na cabeça do pai do traficante: "*Manda seu filho voltar agora*". E a pistola disparou. Aí ele matou o pai do traficante. E o traficante, depois, disse que não iria ficar assim, que ele iria morrer também. E assim aconteceu. Se passaram alguns anos, o Fernando estava comendo um churrasco, tomando uma cerveja na Rua São Luiz Gonzaga, perto do campo do Vasco.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É, no bairro. E eles desceram, tiraram todo mundo e fuzilaram o Fernando, mataram esse Fernando. O Fernando não teve nem tempo de reação.

O SR. DEPUTADO CARLOS WILLIAN - Igual o pai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, só para que a gente possa entender, para que fique bem claro. O Deputado Arnaldo, por exemplo, chegou agora, o Deputado Couto chegou agora. Então, na verdade, esse inquérito no qual V.Sa. se encontra indiciado teve como origem a história que o senhor conta de o Fernando, chamado Fernando Cabeça pelo senhor, policial civil, solicitou ao



seu irmão a locação de um imóvel para que ele pudesse proceder a uma investigação em cima de traficantes no Morro da Mangueira. É isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E, nesse imóvel, foi encontrada dentro dele uma série de linhas telefônicas pelo chefe do Fernando, que é o Delegado Fernando Moraes. É isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Positivo. Porque na época ele não assumiu, passando o caso para a DRACO. Ele disse que não ia assumir, porque o policial era dele, e passou o caso para a DRACO.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E a DRACO fez perícia no local, constatou uma série de equipamentos, de linhas de grampos telefônicos no apartamento.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Mas na época quem fez a perícia no local foi o Dr. Ricardo Hallack. Ele era o titular da DRACO.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sim.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele que fez a perícia no local, ele que fez a apreensão do material todo lá dentro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Que material que tinha lá?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, eu não vi o material; eu não vi o material. Dizem que tinha aparelho de escuta telefônica, os mesmo aparelhos que eram usados na DAS.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas me diz uma coisa: o que o seu irmão alegou para ter alugado esse apartamento?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O meu irmão era simplesmente amigo dele. Gostava de tomar cerveja com ele, gostava de comer churrasco. Eu tenho um irmão, que é mais novo do que eu, que gosta muito de farra, festa. Ele é taxista, inclusive. Ele trabalha dirigindo táxi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas, como o senhor, ele também é um grande técnico em telefonia?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, meu irmão não trabalha com telefonia...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, não?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - ...nunca trabalhou. Ele não sabe nem descascar um fio. Só sabe dirigir táxi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Daí que o senhor foi dirigir táxi também?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, minha família toda... Meu pai era taxista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - É isso o que eu estou dizendo. Está na família?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É. Meu pai era taxista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então esse indiciamento que foi feito aqui seria em função dessa história que o senhor nos contou.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Em função dessa história.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ou seja, é um indiciamento, segundo consta, por um furto qualificado, que seria o furto de energia. Seria isso? Que é era o crime...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele fez uma anotação no meu (*ininteligível*). Inclusive o meu advogado questiona isso. Se não houve inquérito, não houve nada, como é que ele pôde me indiciar? O meu advogado questiona isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E pelo artigo da Lei 9.296 também, não é isso? Art. 10, não é isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, olha só: eu não sei. Olha só...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sr. Presidente, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pois não, Deputado Simão Sessim.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ele foi indiciado ou foi pedido o indiciamento?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ele está indiciado. Ele está contando a história pela qual ele foi indiciado, que ele diz que, na versão dele...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Foi confirmado pela justiça o indiciamento?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputado, está aqui...



(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

(Não identificado) - Mas sem inquérito?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu nunca respondi a inquérito.

O SR. PRESIDENTE (Marcelo Itagiba) - Não, o que eu recebi aqui foi... O que esta CPI recebeu foi um indiciamento, Deputado.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Pois é. Mas tem a oitiva dele ou não? Ele diz que nunca foi ouvido.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu nunca fui a juiz, nunca fui a lugar nenhum.

A SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputada Marina, a senhora já fez indiciamentos indiretos, diretos? Isso não tem relevância para o que nós estamos questionando. Eu estou perguntando o seguinte: se ele foi indiciado ou se ele não foi indiciado. Nós não estamos aqui nem acusando, nem defendendo. Nós estamos constatando o fato. Quer dizer, não é hora nem de nós acusarmos, nem de nós defendermos. É hora de apurar. Então...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Fui não. Não, não fui a júri, eu não fui a nada, não fui a juiz, não fui a lugar nenhum.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não fui não.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Bom, se ele me indiciou, ele me indiciou sem eu saber, porque ninguém me avisou que eu estava indiciado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - A Deputada Marina é policial civil do Rio de Janeiro. Ela conhece uma folha de antecedentes criminais e aqui está uma folha de antecedentes criminais que foi encaminhada a esta CPI. E eu estou perguntando se o Sr. Waldecir Alves de Oliveira, filho de Custódio e Arminda, nascido em 1957, seria ele. Ele me disse que é.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sou eu mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Está aqui: "DRACO — Delegacia de Repressão aos Crimes Organizados, art. 155, § 3º, e art. 10 da Lei 9.296". Ou seja, esse é indiciamento dele. Então, a Polícia Civil do Estado do Rio de



Janeiro o indiciou pela prática desses 2 delitos. Se ele foi julgado, condenado, nós não sabemos. Eu estou perguntando a ele se ele de fato foi indiciado. Ele me disse que sim, mas disse em que circunstâncias foi. Só isso.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu desconheço...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O inquérito é de 2002, e a data do indiciamento nós não temos aqui. Podemos até solicitar essa documentação e tal. Se a senhora quiser, poderá requerê-la, que nós faremos o pedido para que seja encaminhada a esta CPI. Pode ser que tenham outras provas que nos interessem lá, inclusive. Provas técnicas do material que foi apreendido. Segundo ele mesmo diz, teriam sido apreendidos gravadores e outras coisas.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - É porque é estranho, não é? O Dr. Fernando Morais vai ao local, vê que... constata um crime do seu policial e resolve não fazer pela delegacia dele e chama a DRACO? Já erra, já começa esquisito.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Começa esquisito ter uma escuta no apartamento que o irmão dele alugou, não é? Já começa aí. A coisa esquisita é você fazer um favor para um amigo e o amigo lhe põe numa situação... Já começa aí a coisa. E aí as coincidências vão acontecendo. Às vezes, umas coincidências ruins para a pessoa.

Então, prosseguindo, além desse fato, o senhor foi chamado alguma outra vez em alguma delegacia policial, em função de denúncias que foram formuladas contra o senhor ou de fatos que ocorreram relativos a essa questão de telefonia?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Que eu me lembre, não, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - V.Sa., na sua atividade profissional, trabalha também com a identificação de gramos?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Trabalho com identificação de gramos. Faço varredura, verifico se tem grampo na linha, vou nas residências das pessoas, que às vezes essas pessoas me contratam, porque às vezes estão preocupadas porque as linhas estão fazendo muito ruído, muito barulho. As pessoas se sentem ameaçadas.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor, na sua atividade profissional, já acho algum grampo?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Nunca achei grampo em lugar nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, nesse período todo, as pessoas todas que lhe contrataram não estavam sendo grampeadas, apenas tinham temor disso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não... É... Não estavam sendo grampeadas na rua.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Estavam sendo grampeadas onde, então?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, aí eu não posso informar, porque dentro da Telemar, aliás, dentro da Oi agora, eu não tenho acesso para verificar isso. Então, o meu contrato com a pessoa é para fazer a verificação interna, na casa da pessoa. Fazer a verificação interna.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Como é que faz uma verificação interna de grampo? Para as pessoas que não conhecem esse procedimento, como é que funciona isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Você abre a linha principal que chega na sala ou chega na cozinha. Nós temos uma mesinha da ALCATEL, onde se chama Giga. Nós botamos em cima do fio e medimos a resistência da linha. Ali você mede defeito, barulho aberto, se tem baixa de curto. Quando tem alguma coisa errada na linha, mede baixa de curto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E todas as vezes que o senhor fez essa verificação o senhor nunca constatou nenhuma baixa de curto, nada, não é?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Às vezes, defeito. Aí eu troco o cabeamento, conforme eu troquei na casa de muitos clientes meus.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Só para explorar um pouco o conhecimento dele sobre o assunto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputado Simão Sessim.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O celular também... Você foi chamado alguma vez para verificar se o celular tem...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu não tenho essa condição de verificar.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não, não é?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ele não mostra nenhuma diferença?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Só interno, só...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Só fixo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Só fixo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E quando o senhor precisava, por exemplo, correr uma linha, o senhor tinha algum amigo que corria a linha para o senhor para verificar se tinha... O senhor é contratado para um serviço, o senhor constata que muitas vezes tem um furto de energia, porque o seu equipamento assinala ali que tem uma amperagem diferente da que deveria ter, e o senhor não constata no prédio, mas obviamente que me parece teria necessidade de ver a linha. O senhor pede a um amigo que trabalha na empresa para verificar a linha?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não. Eu verifico dentro da casa da pessoa. E quando tem defeito na linha, eu peço à pessoa para reclamar no 103, reclamar com a Oi. A Oi manda o técnico ao local, e o técnico da Oi troca a fiação, faz a verificação necessária. Só trabalho dentro da casa da pessoa, internamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E essas injustiças que o senhor atribui que são feitas ao senhor. Se eu não me engano, também no caso do BNDES o seu nome foi envolvido naquilo, não foi?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É. Quiseram botar na minha conta aquilo, quiseram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Como é que é essa história?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Fizeram grampo no BNDES. E depois que fizeram o grampo no BNDES, explodiu na mídia, entendeu? Não é? Disseram que era eu. Eu falei: “*Não, aí não. Não sou eu, não tenho nada a ver com isso*”. Aí saiu aqui de Brasília o delegado Dr. Rubens Grandini — eu me lembro do nome dele —, delegado federal. Me chamou: “*Waldecir, eu sou leigo. Você me ajuda nessa missão?*” Eu falei: “*Doutor, eu não tenho como ajudar, porque a pessoa que já fez o grampo no BNDES ele já fez o grampo, ele já colheu todo o material. Isso é serviço que vem de anos e anos. O grampo já foi desfeito. Nós não temos como detectar uma coisa que foi feita e desfeita. Eu não tenho como lhe ajudar*”. “*Pô, Waldecir, mais uma vez, eu estou te pedindo: me ajuda*”. Eu falei: “*Dr. Rubens Grandini, eu não posso ajudar o senhor. É a mesma coisa: uma pessoa morreu, como é que eu vou ressuscitar uma pessoa? Eu não sou Jesus. Eu não tenho como lhe ajudar*”. “*Então, Waldecir, se você não me ajudar, eu vou te botar no inquérito*”. Eu falei: “*Ah, meu Deus, mais uma vez?*” E me botou no inquérito. E me botou no inquérito, entendeu? E me botou no inquérito, dizendo que eu tinha participado, que... Eu fui como testemunha de acusação. Ele me botou no inquérito como testemunha de acusação. Chegou lá, ele queria que eu reconhecesse fulano...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem é o fulano?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Que eu reconhecesse o Telmo, da ABIN, que eu não conheço. Eu não conheço Telmo, da ABIN. Ele queria que eu reconhecesse o Adilson Laranja. O Adilson Laranja eu conheço. O Adilson Laranja eu conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Laranja é sobrenome?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É o apelido dele. É Adilson Alcântara de Matos o nome dele. O pessoal chama de Adilson Laranja. E diz que ele é até juiz, juiz classista. Então ele queria que eu reconhecesse, acusasse uma pessoa de uma coisa que eu não posso acusar uma pessoa... Eu não vi. Eu não tenho certeza se foram eles que fizeram. Eu não tenho.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas o senhor tem um dado muito importante. O senhor não é Jesus Cristo para ressuscitar os outros, mas o senhor teve a visão de que foi colocado e foi tirado. Como é que o senhor soube que foi tirado e colocado?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Quem faz um serviço dessa natureza... esse serviço tem um tempo para ficar. É 15 dias e mais 15 dias, prerrogativa total de 30 dias. Depois eles mandam outro ofício. E é mais ou menos por aí. Isso aí não fica a vida toda. Quem faz...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Aquilo é um grampo autorizado pela Justiça, então? Teria sido isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Olha, eu não sei, porque, na época, parece que envolvia militares, envolvia gente alta, coronéis, gente alta, e eu não sei. Isso aí, eu acredito, só quem...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quando foi isso? O senhor se lembra?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não me lembro, não, doutor. Tem muitos anos isso. Tem muitos anos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, ele disse o seguinte... Pelo que ele colocou, ele sabe a tramitação. Ou seja, pelo que nós verificamos aqui, só a Justiça e a empresa que recebe é que tem conhecimento do tempo que vai ser ou da... E como é que ele sabe que tem 15 dias?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, digo: como é que ele... Na atividade dele, como é que ele sabia disso aí?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Como é que eu sei?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Todo mundo sabe.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Está toda hora no jornal...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o senhor...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - ...dizendo que as escutas eram 15 dias e mais 15, prerrogativa de 30 dias no máximo, porque o juiz não prorroga.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas o juiz... O senhor... O senhor disse o seguinte: que o seu trabalho era descobrir grampo. Todo mundo só busca uma pessoa com a propaganda que tem de que ele tanto pode montar grampo como



pode desmontar porque... Eu queria saber, o tempo para montar um grampo, o senhor sabe o quanto é que seria para montar um grampo e para desmontar?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Olha, eu vou dizer um negócio para o senhor, eu não posso lhe responder a esta pergunta porque eu não faço grampo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor tem uma empresa, não tem?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu tenho uma empresa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas o senhor não sabe que, para desmontar um grampo, se alguém chegou e pediu: "Olha, eu quero, eu estou com indício de que tem um grampo aqui..." Qual é o tempo que o senhor usa para desmontar esse grampo?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Se eu for na residência da pessoa e constatar que tem um grampo...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - ...na linha da pessoa, dentro da casa da pessoa?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim. Certo.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Isso é 2 minutos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, é a mesma facilidade para montar um grampo e a mesma facilidade para desmontar?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Aí eu não sei, porque eu não trabalho fazendo grampo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, eu estou perguntando se o senhor, o senhor, como especialista, tem uma empresa. Ou seja, há muita facilidade para se montar um grampo e aí, quando se tem um indício de que numa empresa está havendo grampo, e aí o chefe manda fazer uma varredura, quando a varredura chegar, não tem mais grampo porque já retiraram.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Já aconteceu isso, já aconteceu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não é isso mesmo?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Já aconteceu isso, já aconteceu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já aconteceu isso aí?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Já aconteceu de eu chegar na empresa, há indícios de que houve grampo e eu não encontrar nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas já foi retirado. Quer dizer, é por isso que eu digo, a mesma facilidade que tem para montar, tem para retirar também...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E a pessoa que vai identificar se tem ou não grampo, quando chega lá diz "não tem", mas já poderia ter grampo antes e alguém ter retirado.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Exato. Há indício.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Há indício?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Há indício, há indício,

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Há indício, às vezes eu chego atrasado. "Cheguei atrasado, entendeu? Passaram e tiraram."

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E aconteceu que o senhor desconfiou de que ali tinha?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ah, já aconteceu.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Isso muitas vezes?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Muitas vezes, acontece. A linha é mexida, a linha é mal trabalhada, os fios encostando em curto, até parece que pessoas que não entendem e que querem fazer por conta própria vão lá na loja, compram o aparelhinho e querem colocar. Às vezes, a mulher quer escutar o marido, descasca o fio, descasca até com a faca mesmo, emenda 2 fiozinhos, coloca no aparelho, aí fecha curto no telefone, ela liga para a empresa, a empresa vai lá. A própria empresa Oi, "a senhora está com um aparelho dentro da sua casa, foi a senhora que colocou?" "Ah, fui eu que coloquei sim, mas não fala para o meu marido, não. Eu quero ver se ele tem amante." Entendeu? Acontece isso, acontece.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Como é que... O senhor poderia explicar para nós que não conhecemos bem esse trabalho, o senhor é um técnico especializado, como é que se faz isso na linha para que não dê curto, como é que a gente consegue colocar um gravador na linha — muitos Deputados aqui não



conhecem o *métier* — para que haja a interceptação sem dar curto? Como é que faz para ligar um gravador numa linha?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, eu só sei fazer isso dentro da casa da pessoa. Eu vou explicar ao senhor: em todas as lojas do Rio de Janeiro existem aparelhos próprios para isso. Existem aparelhos digitais que variam de preço. Tem aparelhos de 3 mil reais, tem aparelhos de 4 mil reais, tem aparelhos de 100 reais, tem aparelho de 200 reais, entendeu? Quanto mais caro for o aparelho, maior é a durabilidade de gravação. Tem aparelho que grava até 6 meses, ininterruptamente, direto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Como é que liga esse aparelho na linha?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Esse aparelho é simples. O senhor tem uma tomada, por exemplo, essa tomada atrás do senhor, o senhor compra um *plug*, que tem duas divisórias, uma que sai para o telefone e a outra que sai para o gravador, e tem outra opção que sai para o bina. Você coloca o bina, e coloca o gravador do lado. Toda pessoa que liga, o senhor sabe quem ligou e, automaticamente, quando o senhor tira do gancho para falar com a pessoa, o senhor está gravando a pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Agora, além desse *plug* do telefone, é possível fazer isso na linha, porque o senhor falou aquele negócio do curto, que não dá curto, mesmo dentro do apartamento?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Se é possível? A pessoa entendendo, é possível, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E como é que se processa isso, o senhor pode explicar para nós?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, eu nunca fiz esse serviço. Eu nunca fiz esse serviço, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor também nunca constatou esse tipo de serviço? Mas o senhor não sabe como é que faz? O senhor nunca fez, mas o senhor não sabe como é que faz?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, eu nunca fiz, e quando a pessoa me pede esse tipo de serviço, eu não faço esse serviço.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas o senhor não sabe como faz? É porque o senhor não sabe; que o senhor não fez, nós já entendemos que o senhor não fez.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, mas eu sei como funciona, mas eu não faço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas eu não perguntei se o senhor fez. Eu estou perguntando como é que se faz. Eu não perguntei se o senhor fez, eu queria que o senhor explicasse, porque as pessoas aqui precisam conhecer isso, já que as pessoas aqui, que estão nesta Comissão Parlamentar de Inquérito, estão investigando interceptação telefônica, elas gostariam de saber como é que funciona. Então, o senhor já disse que o senhor não fez, mas o senhor sabe como é que faz, o senhor poderia explicar como é que faz?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sei como é que faz, sei como é que faz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, o senhor poderia explicar, por favor?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sei como é que faz. Sei como é que faz. Tem fio “a” e “b”, o senhor abre o fio “a” e o “b”, conecta duas perninha de fio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O que que chama “abre o fio”?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Por exemplo, aqui atrás, o senhor tem esse fio preto. Ao descascar ele, ele vai aparecer...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - É descascar, é isso. Explica porque...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É isso, descasca o fio. Vão aparecer dois fios paralelos, o senhor pega o fio “a”, que representa uma perna, e o fio “b”, que representa a outra perna, entendeu? Aparece um “miczinho” que entra no aparelho digital e o senhor deixa ali gravando. A durabilidade dele é... Quanto mais caro é o aparelho, maior a durabilidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então é isso que as pessoas aqui, os técnicos que vêm chamam de par? Por isso é que chama par?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Par, é par do cabo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Par do cabo. Certo. O senhor já fez algum serviço desses para marido, mulher, dentro de casa, a pedido de clientes?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Normalmente, quando as pessoas me chamam para fazer esse tipo de serviço, dizem que estão sendo ameaçados, que é ligação que vem de Bangu, que é ligação de extorsão, que tem criança chorando do outro lado: "eu vou matar seu filho, você tem que botar tanto de cartão telefônico na minha linha de telefone, tem que botar tanto na minha conta". E normalmente quem me liga para me pedir esse serviço são as pessoas que eu conheço, são policiais civis, delegados que conhecem o meu trabalho, que conhecem a minha postura.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quais são esses delegados e policiais que poderiam dar referência sobre o senhor?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Poxa, o Dr. Reimão, o Dr. Fernando Morais, o Dr. Rodrigo, o Dr. Gláucio, eles sabem que eu trabalho com isso, com segurança eletrônica. O próprio Dr. Napoleão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O Dr. Napoleão? E o senhor conhece um policial de nome Marcão?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - De onde?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Conheço da Policia Civil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Trabalha onde ele?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, da última vez que eu estava trabalhando, ele estava trabalhando na 76 DP, se eu não me engano, lá para o lado de... Sete e meia ou 78 DP, para o lado de Fonseca. Ele estava chefiando a delegacia lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Fonseca, para explicar para o pessoal que não sabe...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Fonseca é Niterói, tem que atravessar a ponte, para o outro lado, Alameda, São Boaventura, aquela delegacia do lado esquerdo, antes do presídio, uma delegacia legal. Ele trabalhava lá.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor me disse que o senhor também tentou prestar serviços à Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, é isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu tentei trocar o cabeamento lá, trocar a central, que é uma central analógica velha e botar um sistema Digitron. Quem iria instalar o sistema Digitron era a Oi, eu iria apenas fazer a distribuição dos ramais e fazer o sistema para instalar sensores de presença e instalar câmeras, em todas as dependências da ALERJ, porque havia suspeita de escuta. Só que eu fiz a minha proposta e nunca me chamaram. Não foi aceita, nunca me chamaram.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Como é que o senhor sabia que havia suspeita de escuta?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Porque eu fui chamado justamente para fazer o serviço de “checamento”, de varredura.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Por quem o senhor foi chamado?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu fui chamado por uma pessoa que faz a segurança para o Dr. Piciani.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E qual é o nome dessa pessoa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Miguel Laino.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - É funcionário da Assembléia?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele é policial civil e fazia a segurança dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pois não, Deputado Simão Sessim.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Qual é a época que foi, o senhor lembra, ou não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, isso deve ter uns 5 anos, deve ter uns 5 anos isso. Eu não ganhei concorrência nenhuma.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor apresentou a proposta?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Apresentei a proposta.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E sabe se depois foi feita por alguém?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não sei, não me participaram.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Muito bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Esse Marcos Bretas também trabalhou na Assembléia, ou não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Olha doutor, eu conheço esse rapaz já tem algum tempo. Só que eu já não o via há muitos anos, muitos anos, muitos anos, muitos anos. Ele ligou para mim, através do rádio dele, que queria conversar comigo. Eu marquei um encontro com ele na Praça Cruz Vermelha, tomei um café com ele, ele falou para mim que fazia a segurança de um empresário, entendeu? Esse empresário estava tendo problemas com os filhos, problemas de drogas. Ele queria que eu fosse dentro da casa do empresário instalar um bina e um gravador digital. Eu dei o orçamento a ele, e ele ficou de estudar o orçamento, porque ele falou que não poderia decidir nada sem o orçamento, entendeu? Depois disso, eu perdi o contato com ele. E o jornal veio dizendo que eu estava fazendo escuta de celular para ele. Poxa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O jornal disse isso quando? Qual foi o jornal?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu não me lembro. Saiu no jornal *O Dia*. O pior é que só sai no *O Dia*. Parece que *O Globo* não menciona, só sai num jornal, entendeu? Parece que eles fazem questão de dizer que eu estava fazendo escuta. Inclusive botaram um número de um celular da TIM ali, dizendo que eu estava fazendo escuta em cima daquele telefone da TIM. São coisas gravíssimas, que eu não fiz, botam lá que eu fiz. Olha só: eles botam lá que eu fiz, e eu não fiz. E eu não sei quem é que está fazendo isso. Botam no jornal meu nome, dizem que eu fiz, botam o número do celular da TIM. O senhor imagine quem é o dono daquele celular da TIM? Levantam meu endereço, de repente é um vagabundo, vai lá e me mata. Como é que fica? Por uma resposta truncada, uma resposta mal colocada, uma coisa maliciosa que fizeram comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E obviamente o senhor processou os jornais em função dessas declarações.



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu não consigo processar ninguém, doutor, porque eu não tenho dinheiro para contratar um advogado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas um advogado seu que manteve contato conosco aqui. Antes de o senhor vir para cá, ligou para cá, que não poderia estar aqui conosco?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não contratei nenhum advogado para vir aqui, não, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - A Mesa está informando que é o advogado dos outros 2 depoentes, não é o de V.Sa. E quem era esse empresário que os jornais diziam que o senhor estaria fazendo um serviço de grampo a pedido dele, dentro de casa, por causa desse problema dos filhos?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, eu não sei qual é o empresário. Eu não fiz serviço nenhum. Eu não fiz. Ele me chamou, perguntou quanto eu cobrava, eu dei o valor a ele, ele falou para mim...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Qual era o valor?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O valor na época? O valor na época... Eu cobrei a ele 15 mil reais para fazer essa instalação do gravador digital, instalar o bina e instalar umas câmeras numa residência lá na Barra.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor sabe o endereço?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. O endereço eu não sei, porque ele disse que o cliente dele era uma pessoa importante, era um empresário, entendeu? E quando fosse para ir lá fazer o serviço, ele iria me colocar no carro, ele iria me levar lá para fazer o serviço, e depois de fazer o serviço ele ia voltar comigo para o meu apartamento. Foi isso o que ele falou comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor não esteve nunca com ele no Banco Itaú?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu estive com ele no Banco Itaú, para devolver o dinheiro que ele deixou comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, ele chegou a pagar, e o senhor devolveu o dinheiro? É isso?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Deixou. Ele deixou 15 mil reais comigo. Ele deixou 15 mil reais comigo. Eu falei: "Marcão, olha só, eu estou sem dinheiro, eu estou todo endividado, entendeu? Você vai deixar esse dinheiro comigo, eu vou gastar esse dinheiro." Ele falou: "Waldecir, você pode gastar esse dinheiro. Você tem como devolver esse dinheiro?" Eu falei: "Tenho. Só vendendo o meu carro." Eu tinha um Gol branco, ano 1995, eu vendi para o meu irmão, que tem uma agência de automóvel lá em Araruama. Vendi o carro por 10 mil reais. Esse dinheiro foi colocado na agência de Araruama. Eu peguei esse dinheiro na Agência Haddock Lobo, Agência 0598, junto com um detetive que trabalha com ele. Deixa eu ver qual era o nome dele... Claudinho da DRACO e Luizinho Cascata. Eles foram comigo. Eu entrei dentro do banco, peguei o dinheiro e devolvi a eles. E falei: "Olha, Marcão, eu estou devolvendo o dinheiro. Eu não te devo nada. Eu não te devo 1 centavo." Aí ele falou: "Tudo bem, e o restante do dinheiro?" Eu falei: "Daqui a uns 2, 3 dias eu te dou o restante do dinheiro, eu te devolvo o dinheiro. Eu não consegui te atender, o seu cliente desistiu do serviço, e eu gastei o dinheiro porque precisava pagar umas contas." Ele falou: "Não, tudo bem. Eu confio em você, que você é um cara muito honesto." Eu falei: 'Então, tudo bem.' Eu vendi o meu carro. Eu estou sem carro. Eu vendi o meu carro numa agência de Araruama. O dinheiro foi depositado em Araruama, no Banco Itaú, pelo meu irmão, José Alves de Oliveira. Eu recebi o dinheiro na Agência 0598, Haddock Lobo, e devolvi o dinheiro a ele. E eu não fiz serviço nenhum para ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor foi chamado à Polícia Federal em função disso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Não fui chamado, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ainda não.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Não fui chamado, não.

(Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pois não, Deputado Luiz Couto.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando esteve aqui uma testemunha, ele afirmou que o senhor é um "grampeiro" profissional. O senhor se considera um "grampeiro" profissional?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu não sou “grampeiro”. Eu trabalho do lado da legalidade. Se eu não trabalhasse do lado da legalidade, vou dizer um negócio para o senhor, eu estaria morto, ou estaria preso, ou estaria milionário.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, o senhor se considera como um técnico que trabalha para desmontar e identificar grampos?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu trabalho com segurança eletrônica.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eletrônica. Mas ele chegou dizendo que, por causa dessa atividade como “grampeiro” profissional, o senhor foi preso várias vezes.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu, preso? Não me lembro. Eu não me lembro que eu tenha sido preso, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca foi preso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Graças a Deus, não. Estou com 50 anos de idade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer que essa informação que foi dada, ela...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu só penso que ele tem alguma coisa pessoal contra mim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu só penso isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor por acaso conhece o Sr. Alex Martins, ou não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não conheço o Sr. Alex Martins.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o Sr. Marlésio Maurício Martins?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Essa atividade de identificação, ela é uma atividade que hoje uma pessoa que tem conhecimento técnico, encontrando em qualquer loja, em qualquer espaço, aqueles aparelhos para grampeamento, o senhor considera que é uma atividade que, se não tiver controle, qualquer um que



tiver um pouco de conhecimento técnico poderá fazer grampo até sem autorização de Justiça; que há facilidade hoje de conseguir aparelhos de escuta telefônica?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Vende na loja. O senhor vai na República do Líbano, o senhor sai assim, uma loja atrás da outra. Ali tem aparelho para todos os tipos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sem nenhum controle?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Sem nenhum controle.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, chega lá: "Eu quero um..."

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - "Eu quero um gravador, eu quero um gravador digital, com tantas horas", entendeu?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É, movido a voz. Sensibilidade pela voz.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - A pessoa fala, grava. Grava no HD. Depois, o senhor pega um cabo USB, descarrega para o computador. A coisa é desse tipo, e vendem os aparelhos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é. Então, até nas feiras também livres?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Vende. Até o mendigo ali na Praça Cruz Vermelha, aqueles que vendem, passam pelo meio da rua, se o senhor ver lá, ele está vendendo os aparelhinhos. Ele vende, o mendigo. Eles acham no lixo, vendem. Vendem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então... E essas pessoas teriam facilidade de montar, pegando um fio, descascando e colocando esse aparelho, poderiam ter informações privilegiadas?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Qualquer um. Até um eletricista faz isso. Até um eletricista faz isso. Qualquer um.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E se fosse, em vez de fazer em casa, fosse onde está lá, por exemplo, onde tem edifício, apartamentos, tal, na caixa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não faz.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não faz?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não faz.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E aquelas maletas que eles carregam?

Não tem umas caixas de onde a fiação vem para a casa ou para o apartamento, que tinha... Normalmente, quando os técnicos iam lá para identificar quando tinha algum problema, iam lá na caixa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Mas ali eles não fazem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não dá para fazer ali, não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Não dá, não. Não dá. Ali não tem condição.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Se ele tem, por exemplo, se ele tem... Ele sabe que dificilmente vai lá. Quando tem uma... Você tem um defeito no seu telefone, aí telefona para a central, depois de um tempo é que eles vêm para verificar. Alguém quer, ou diz: "Hoje à tarde eu sei que não vai ter nenhum técnico da Telemar ou de qualquer... Eu vou abrir aquela caixa e vou botar lá." Eu posso, durante esse tempo, ter informações, passando para os telefones que eu quiser ali, ou não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Se o senhor conseguir ter acesso à caixa telefônica, se o senhor conseguir autorização da síndica, ou do síndico, para o senhor fazer isso, se o senhor conseguir instalar esse equipamento, nesse período, o senhor consegue.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então, para que isso aconteça, tem sempre a conivência de alguém.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ah, do síndico, da síndica, autorização. E eles não dão, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu trabalho há muitos anos nessa área, e isso não acontece, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não acontece.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Se acontecer, tem sempre...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...a conivência de alguém.



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É. Sempre a conivência de alguém.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Aquilo é tudo trancado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor alguma vez pegou ou entregou algum gravador ao Marcão?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu emprestei um aparelho a ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - De uma rotação especial.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Digital.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Que tinha uma rotação que, para poder ouvir teria que ouvir dentro de uma determinada rotação específica?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Emprestei a ele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E para quê que serve esse gravador?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Para escutar um determinado tipo de escuta que ele fez lá dentro da casa do cliente dele.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, ele fez uma escuta na casa do cliente dele, com o gravador...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - ...que o senhor emprestou.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem era o cliente dele?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele não fala.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor ia começar a falar o nome dele.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Eu não conheço.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Se o senhor lembrar o nome...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu não conheço, eu não conheço o nome, eu não conheço. Olha, eu vou dizer um negócio para o senhor, hein? Olha, coisa que ele não faz é falar o nome dos clientes dele para ninguém, nem para mim, nem para o senhor, nem para ninguém. Eu não sei por quê. Ele diz que os clientes



dele são só gente rica, milionários, pessoas poderosas. É o que ele fala, e que não querem contato, não querem saber quem eu sou, também não querem saber... as pessoas não se preocupam em pagar, entendeu? Inclusive ele disse que ele ia me apresentar um montão de clientes ricos, que eu, poxa, eu estava numa situação muito difícil, sem dinheiro, e queria me apresentar um montão de pessoas muito ricas. Ele não me apresentou pessoa muito rica nenhuma, só me botou, porque eu fui me encontrar com ele, tomar um café com ele, já venho para dentro de outro problema.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Qual é o outro problema?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ah, o outro problema porque ele estava sendo monitorado pela Polícia Federal. Se eu fui encontrar com ele, a Polícia Federal, de acordo com a pessoa que está fazendo a degravação, dependendo da cabeça do cara que está fazendo a degravação, pode ver se é relevante ou se é irrelevante. Se ele quiser achar que eu pedi 30 reais a ele emprestado para botar de gasolina, o cara achar que é 30 mil, quiser botar 30 mil ali, ele vai botar 30 mil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, só para eu entender bem, o senhor foi pego numa conversa com ele...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu falei com ele

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - ...pelo grampo da Polícia Federal, é isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O rádio dele estava grampeado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor em que oportunidade e em função de que ele estava grampeado?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não me lembro, doutor, eu não me lembro. Olha, só, o Marcão...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em que operação?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não. Não me lembro. Olha só, eu não tenho contato com o Marcão. O Marcão... eu falei com o Marcão 3 vezes. O Marcão, ele não fazia contato, ele não faz contato com ninguém. O Marcão desapareceu. Um belo dia, ele me ligou, queria tomar um café comigo. Eu encontrei com o Marcão 3 vezes, 3, e, fora disso, nunca mais eu vi o Marcão. Ele nunca mais apareceu, entendeu?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o café tinha um motivo, não era só o café?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele queria bater papo comigo, queria conversar comigo, achou que aquele negócio que tinham feito com meu filho era covardia, que, poxa, entendeu, que o meu filho não podia estar trabalhando num lugar daquele, tão novo, de polícia. Eram as conversas de sempre, ele queria saber como é que estava os meus filhos, a minha filha é Síndrome de Down, e só negócio de família. Beber, eu não bebo, porque eu não bebo cerveja, é só café. Sou viciado em tomar café.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E aí, sem mais, nem menos, ele falou: *"Me empresta um gravador."* Foi isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Se ele me pediu um gravador, qualquer um, se me pedir um gravador, eu empresto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não, mas a conversa foi para tomar um café, falar dessas coisas, essas amenidades, da covardia que cometaram contra o seu filho, da sua filha que tem Síndrome de Down...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É, é isso aí.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - ...e aí, no final da conversa: *"Me empresta um gravador."* É isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele me pediu emprestado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, o senhor acredita que o objetivo dele era o gravador, era isso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Era pedir o gravador emprestado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor emprestou o gravador a ele.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Emprestei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor não sabe para quê.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, não sei a finalidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas o senhor está dizendo que ele estava monitorado pela Polícia Federal, é isso?



O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Ele estava sendo monitorado pela Polícia Federal, segundo os jornais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu sei tudo através dos jornais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sei. O senhor não conversou com ele depois disso.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Não, nem... nem conversei. Nunca mais conversei com ele, nunca mais vi. Desapareceu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor sabe se ele foi indiciado ou preso pela Polícia Federal? O senhor tomou conhecimento disso?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, tudo o que eu sei é através do jornal e da imprensa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O que o senhor soube através dos jornais e da imprensa?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - É que ele tinha sido preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em que operação da Polícia Federal?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - O nome da operação eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em razão de quê ele foi preso? O senhor sabe?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, não sei, não. Não sei, não. Eu sei que ele estava sendo monitorado há muitos anos, pela Polícia Federal. Agora, por que ele foi preso eu não sei não, entendeu? Eu não gosto nem de fazer essas perguntas porque eu acho que cada um tem a sua vida particular, né? Eu vou fazer uma pergunta dessa, ele me dá um fora: *"Por que você tá me perguntando? Te interessa?"* Eu não pergunto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não teria sido numa tal de Operação Furacão, não?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Doutor, eu não me lembro do nome da operação, não. Não me lembro da operação, não, porque esses negócios que dizem aí — a Federal prendeu não sei quem, prendeu não sei quem, prendeu não sei quem —, eu não me aprofundo nesse... porque isso aí não me acrescenta



nada, entendeu? Porque eu tomo remédio controlado, entendeu, desde que o meu filho faleceu, entendeu? Eu já estou cheio de problema; problema de ordem financeira; todo enrolado, entendeu? Eu vou ficar assimilando esse problema pra mim? Eu fui orientado pelo meu psiquiatra a não assimilar problema, entendeu? A ler um bom livro; nem ler jornal; eu estou proibido até de ler jornal. Ele falou: “*Você lê um bom livro, porque o jornal realmente fala muitas coisas, entendeu, que não é verdade, e acaba até, entendeu, prejudicando o seu estado emocional. Você já está com depressão, entendeu?*” Pra lhe ser sincero, semana passada a minha esposa chorou o dia... dia e noite, com saudade do filho. Não é fácil você perder um filho de 24 anos. E até hoje nós tomamos remédio. É rivotril, é “leprexa”, é bup, entendeu? É tudo quanto é tipo de remédio. E eu estou orientado pelo meu psiquiatra a não ler jornal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Está certo. Faz muito bem. Há mais alguma coisa que o senhor desejar esclarecer?

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Eu gostaria, se possível, de ter uma cópia dessa documentação. Se fosse possível, entendeu? Porque eu gostaria de pedir ao meu advogado, pra ver a conduta que eu vou tomar contra essas pessoas que estão fazendo esse falso testemunho contra mim, entendeu? Porque ele disse que eu sou “grampeiro”, que eu faço grampo; já foi no meu apartamento; não encontrou; voltou no meu apartamento; não encontrou, entendeu? Então, eu só posso entender que isso aí é uma coisa pessoal. Eu quero procurar os caminhos da lei, né, pra poder tomar alguma providência, porque não é possível, entendeu? Não é possível. É uma coisa muito estranha ele estar com essa perseguição, entendeu? Eu também gostaria que também o senhor procurasse saber com ele porque ele foi mandado embora da Oi, agora recentemente. Ele vai lhe responder. Se ele não responder...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Dr. Waldecir, com todo o respeito que o senhor me merece...

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Pois não, doutor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - ... aqui, quem comanda a CPI, somos nós.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Tá. Desculpa.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E as medidas que nós iremos adotar dependerão de requerimento feito pelas partes. Então, o senhor se abstenha a prestar o seu depoimento, e a condução dos trabalhos da CPI o senhor pode deixar aos Deputados que aqui se encontram.

O SR. WALDECIR ALVES DE OLIVEIRA - Desculpa, doutor.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - Sr. Presidente, só para lembrar que esse rapaz está dizendo que ele foi mandado embora. E esse Neto diz que foi aposentado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Se V.Exa. tem algum requerimento a fazer, nós o receberemos com muito prazer. Se for nesse sentido o requerimento que V.Exa. deseja fazer, pode apresentar, e nós iremos votar para que a pessoa seja... que a empresa nos informe qual é a razão da saída, porque, ao que me recordo, as informações que foram prestadas é de que ele teria se aposentado...

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - É. Foi o que ele falou.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - ... e a empresa nunca disse que o havia mandado embora.

Mas, se V.Exa. tem alguma dúvida e deseja endossar essa sugestão do Sr. Waldecir, pode apresentar um requerimento, que nós iremos votá-lo.

A SRA. DEPUTADA MARINA MAGGESSI - O.k.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, nada mais havendo em relação ao Sr. Waldecir, mais alguma pergunta por parte dos Srs. Deputados, eu vou suspender por 10 minutos, para que nós possamos votar. E, em seguida, ouvir os demais depoentes.

O depoente ficará aguardando, porque pode haver necessidade de fazer uma acareação, alguma outra inquirição.

(A reunião é suspensa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - A reunião se encontrava suspensa por 5 minutos.

Convido o Sr. Alex Martins a tomar assento à Mesa. *(Pausa.)*

Vou dar a palavra ao Sr. Alex pelo prazo de 10 minutos.

Há um compromisso de dizer a verdade, sob palavra de honra, do que souber e lhe for perguntado.



E eu abro a palavra a V.Sa. para que, no prazo de 10 minutos, exponha as razões pelas quais V.Sa. acredita que hoje esteja aqui.

O SR. ALEX MARTINS - Eu recebi uma carta, sendo convocado para estar aqui, pelo Sr. Presidente, Deputado, para prestar esclarecimentos sobre a investigação de escuta telefônica clandestina. E eu não medi forças. Vim normalmente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - V.Sa. trabalha com telefonia ou trabalhou com telefonia?

O SR. ALEX MARTINS - Trabalhei já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Onde? Quando? Por quê? Como?

O SR. ALEX MARTINS - Trabalhei na Telemar, há aproximadamente... Foi na época de 90... Com telefonia em geral, trabalhei de 97 a 2001.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - De 97 a 2001.

Já era Telemar ou ainda era TELERJ?

O SR. ALEX MARTINS - Não, era Telemar. Telemar, já.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Já era Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Telemar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, o senhor era funcionário da Telemar.

O que o senhor fazia na Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Eu trabalhava no DG. Era ligador na época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O que quer dizer... O senhor sabe que tem muita gente aqui que não entende dessa questão de telefonia. O senhor poderia explicar o que é DG e o que faz um ligador?

O SR. ALEX MARTINS - O ligador recebe ordens do chefe para estar instalando linha telefônica dentro do DG.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - DG quer dizer o quê?

O SR. ALEX MARTINS - Distribuidor Geral.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quer dizer, é um distribuidor geral de linhas telefônicas. É isso?

O SR. ALEX MARTINS - Positivo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Certo.

E a sua função, então, era ligar telefones novos? É isso? Solicitados. É isso?

O SR. ALEX MARTINS - Isso. Lá dentro do DG. E fazer reparos também, de telefones.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Reparos de linha?

O SR. ALEX MARTINS - Reparos de linha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Na sua atividade profissional, e eu acho que o senhor é um bom profissional na sua área — pelo menos isso é o que consta; o senhor tem muitos anos de experiência —...

O SR. ALEX MARTINS - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - ... o senhor encontrou, alguma vez, alguma coisa irregular nos DGs ou nas linhas, nas verificações que o senhor fez?

O SR. ALEX MARTINS - Não, porque tinha uma equipe responsável por essa parte, e eu já não participava dessa equipe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas não havia uma orientação dessa equipe, que todas as vezes em que os instaladores encontrassem alguma irregularidade deveriam informar ao superior?

O SR. ALEX MARTINS - Ah, com certeza!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E V.Sa. por algumas vezes informou ter encontrado alguma irregularidade?

O SR. ALEX MARTINS - Ah! Encontrado alguns vestígios, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Que tipo de vestígios? O senhor poderia explicar para a Comissão, para os demais Deputados que estão aqui?

O SR. ALEX MARTINS - Vestígio de quê? De qual? Uma linha em cima da outra, ou assim um pedaço de fio, uma coisa desse tipo aí. A gente falava para o chefe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E isso quer dizer o quê? Quando tem uma linha em cima da outra, quando tem um pedaço de fio, isso a gente pressupõe, a gente pode dizer que seria o quê? O que isso quer dizer?

O SR. ALEX MARTINS - Uma extensão, uma extensão telefônica.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Uma extensão telefônica.

E as extensões telefônicas são normais ou é uma coisa anormal?

O SR. ALEX MARTINS - Na época em que eu trabalhava era normal a extensão telefônica. Às vezes, a pessoa tinha um telefone instalado num determinado local e pedia à Telemar esse serviço, para ver se estendia a um outro local.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, quer dizer, não era uma anormalidade. Era algo feito pela própria empresa.

O SR. ALEX MARTINS - Na época, sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E alguma vez o senhor achou também que esse tipo de coisa podia levar a uma espécie de interceptação, gravação? Esse tipo de linha.

O SR. ALEX MARTINS - Não. Na época, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Na época, não?

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor nunca achou nenhum gravador, nada, quando o senhor percorreu essas linhas?

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nem achou nenhum desses fios ligados a um lugar onde não deveria estar?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Foi o que eu informei para o senhor: só vestígios — fio cortado, pedacinho de fio em cima de uma outra linha. Eu informei logo ao chefe.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Como é que se chama isso na terminologia de vocês? Quando tem um fio trepado em cima do outro, como se chama isso?

O SR. ALEX MARTINS - Extensão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Uma extensão. Está certo. E o senhor trabalhou lá por quanto tempo mesmo?

O SR. ALEX MARTINS - Geral, foi de 97 até 2001.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - De 97 a 2001.

O SR. ALEX MARTINS - Isso.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E aí o senhor foi mandado embora? O senhor pediu para sair?

O SR. ALEX MARTINS - Não, na época a gente passou... Quando passou para a Telemar mesmo, aí a gente... algumas pessoas foram dispensadas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Porque antes de ser Telemar era o quê?

O SR. ALEX MARTINS - Itibra, uma empresa contratada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, era uma terceirizada?

O SR. ALEX MARTINS - Terceirizada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor trabalhava para a terceirizada?

O SR. ALEX MARTINS - Terceirizada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, entendi. E aí depois o senhor foi para o quadro da empresa?

O SR. ALEX MARTINS - Fui para o quadro da empresa. Aí depois... logo assim saí, depois, em 2001, que eu saí da empresa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Saiu da empresa. E que atividade o senhor desenvolve hoje?

O SR. ALEX MARTINS - Hoje eu trabalho como motorista na FIOCRUZ.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Motorista na FIOCRUZ?

O SR. ALEX MARTINS - Fundação Oswaldo Cruz.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E nesse período, até o senhor trabalhar na FIOCRUZ, o que o senhor fez, exerceu?

O SR. ALEX MARTINS - Não, na época, quando eu saí da Telemar... logo assim que eu saí da Telemar, eu recebi a rescisão de trabalho, recebi tudo, comprei uma Kombi e fui trabalhar com transporte, porque eu não podia ficar parado. Eu tenho família, tenho filha e tive que correr atrás.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nunca mais trabalhou com telefonia?

O SR. ALEX MARTINS - Não, eu não trabalho mais com telefonia, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor já foi preso ou processado alguma vez?



O SR. ALEX MARTINS - Fui preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Por quê?

O SR. ALEX MARTINS - Por esse motivo mesmo de investigação: que me puseram lá, me envolveram num problema de investigação lá de grampo telefônico, falando que eu tinha... mandando... Falararam que eu tinha mandado fazer um grampo telefônico e tal... Aí fomos até em juízo já. Fomos em juízo, fomos sentenciados e estamos esperando o recurso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Como é essa história? O senhor poderia explicar melhor? Porque, o senhor veja bem, a gente não conhece a história. Então, se o senhor pudesse contar a história, o que aconteceu, seria importante para que a gente pudesse compreender essa história que aconteceu com o senhor. O senhor podia começar do começo essa história? O senhor foi preso em algum lugar?

O SR. ALEX MARTINS - Não, fui preso em casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, em casa?

O SR. ALEX MARTINS - Foi em casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em razão de quê? O senhor pode contar a história para nós?

O SR. ALEX MARTINS - Olha, eu não me lembro de tudo, totalmente, a história toda, mas foi em casa. Eu estava em casa. Eles... a Polícia foi lá com mandado de prisão...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Que Polícia?

O SR. ALEX MARTINS - Polícia Civil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor sabe que delegacia?

O SR. ALEX MARTINS - DRF.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - DRF?

O SR. ALEX MARTINS - Isso. Na época foi lá e falou que a gente tinha que ir para a delegacia, acompanhar a gente para a delegacia, acompanhar eles para a delegacia. A gente ficou preso mais ou menos 15 dias. Ficamos presos 15 dias. Aí depois saímos, saímos e ficamos respondendo em liberdade.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, o senhor foi preso em casa, e na casa do senhor eles encontraram alguma coisa, algum equipamento que não devia?...

O SR. ALEX MARTINS - Não, não encontraram nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então o senhor foi preso por uma ordem judicial?

O SR. ALEX MARTINS - Uma ordem judicial.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Uma prisão temporária, uma prisão preventiva? É isso?

O SR. ALEX MARTINS - Temporária.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Temporária? E quem são as outras pessoas que foram presas com o senhor?

O SR. ALEX MARTINS - Fui eu, o Marlésio, o Pascoal, o Arilson, na época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E todos eram funcionários ou foram funcionários da Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Não. O funcionário só era... acho que só o Arilson. O Pascoal tinha um escritório de detetive particular.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, o Pascoal então era um detetive particular...

O SR. ALEX MARTINS - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - ... o senhor e o Arilson eram ex-funcionários de uma empresa de telefonia, a Telemar. E a outra pessoa o que era?

O SR. ALEX MARTINS - O Marlésio trabalhava de... acho que era *freelancer* para ele, para o Pascoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Para o Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - É.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, o Pascoal era um detetive particular?

O SR. ALEX MARTINS - Detetive particular.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor conhecia o Pascoal de onde?



O SR. ALEX MARTINS - Oi?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - De onde o senhor conhecia o Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - Não, na época eu nem conhecia o Pascoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, não conhecia o Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não conhecia o Pascoal, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E como ligaram o senhor ao Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - Como ligaram eu também não sei, Deputado. Como ligaram eu também não sei, como ligaram nós 2.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E qual foi a acusação imputada ao senhor?

O SR. ALEX MARTINS - Me impuseram a acusação foi de que eu tinha mandado esse rapaz fazer um grampo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem é esse rapaz?

O SR. ALEX MARTINS - O Arilson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O Arilson?

O SR. ALEX MARTINS - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Teria mandado fazer um grampo em quem? O senhor sabe?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não sei, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em que local do Rio de Janeiro?

O SR. ALEX MARTINS - Sei que foi no Centro, no Centro do Rio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - No Centro do Rio de Janeiro. Sei. E esse processo já correu em primeira instância?

O SR. ALEX MARTINS - Já correu. Saiu a sentença, e nós fizemos recurso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Vocês foram absolvidos ou condenados?

O SR. ALEX MARTINS - Condenados.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Por que crime?



O SR. ALEX MARTINS - Por... Aquela Lei 2.005, eu acho... se não me engano... Lei de Informática não-sei-o-quê.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - A 2.025, é isso?

O SR. ALEX MARTINS - Acho que é 2.005, interceptação...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, o senhor foi condenado por interceptação telefônica. É isso?

O SR. ALEX MARTINS - Interceptação telefônica.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Tem algum depoimento que foi feito dizendo que o senhor participou disso?

O SR. ALEX MARTINS - Não, na época eu dei o depoimento em juízo lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pois é, mas por que o juiz condenou o senhor se o senhor não foi preso em flagrante? Qual é a prova que tinham contra o senhor?

O SR. ALEX MARTINS - Não tinha prova nenhuma. A única prova que tinha concreta era só o que o rapaz falou, que esse Arilson falou, que fui eu que mandei. A única prova...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, ele disse que o senhor havia mandado...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pois não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Podia falar mais próximo do microfone.

O SR. ALEX MARTINS - Isso, foi só isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, uma das pessoas presas... Qual o nome dele? É o...

O SR. ALEX MARTINS - Arilson.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O Arilson, que foi seu companheiro de Telemar, é isso?

O SR. ALEX MARTINS - Não, na época a gente não trabalhava junto, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas ele trabalhou na Telemar.

O SR. ALEX MARTINS - Trabalhou na Telemar.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Acusou o senhor de ter pedido a ele que fizesse uma interceptação. É isso?

O SR. ALEX MARTINS - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E onde entra o detetive, o Pascoal. É isso? Não. Como é o nome do detetive?

O SR. ALEX MARTINS - Pascoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pascoal. Como entra o detetive nessa história?

O SR. ALEX MARTINS - O detetive, nessa história... Quando aconteceu isso, ele entrou como sendo um mandante do serviço, sendo a pessoa que pegava o serviço na época.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E há quanto o senhor já conhecia o Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - Não, eu não conhecia o Pascoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, não conhecia o Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - Não conhecia o Pascoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E essa sentença então já foi prolatada, e o senhor está recorrendo dela. O senhor foi condenado a quanto tempo?

O SR. ALEX MARTINS - Fui condenado a... acho que foi a 4 anos de reclusão, prestando serviço à comunidade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor jamais na sua vida instalou algum gravador a pedido de alguém, por solicitação de alguém?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - É possível, o senhor sabe dizer se é possível fazer uma interceptação telefônica sem que a pessoa conheça o sistema de telefonia? Quer dizer, se eu quiser fazer um grampo telefônico numa rua, para escolher um fio de uma determinada pessoa, é fácil eu achar qual é o par que eu desejo?

O SR. ALEX MARTINS - Acho eu que não.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Só um técnico tem condições de...

O SR. ALEX MARTINS - Alguma pessoa que tenha algum conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Tem algum inscrito para inquirir?

O Deputado Simão Sessim é o autor do requerimento. Em seguida, o Padre Couto.

Pode perguntar, Deputado Simão Sessim.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sr. Presidente, da mesma forma do intróito que fiz para o Waldecir, que acabou de terminar o depoimento, também o caso do Sr. Alex foi em função do depoimento do Neto, do ex-técnico da rede de acesso à Telemar, José Luiz da França Neto, e do Sr. Arthur Madureira de Pinho. Eles disseram aqui que conheciam grampeiros. Perguntado se conhecia grampeiros, ele disse que sim; e, se podia denominá-los, se podia afirmar o nome deles e tal, ele deu o nome do Sr. Alex Martins.

A minha pergunta, acho que V.Exa. já se adiantou. Ele também disse que o Sr. Alex Martins respondia a processo por grampo ilegal, que existia processo por grampo ilegal. Então a primeira pergunta que faço — não sei se V.Exa. já fez —, se o Sr. Alex, por favor, me responder, é se responde a algum processo por ter atuado em favor de alguém ou por conta própria em grampo ilegal que redundou em processo judicial.

O SR. ALEX MARTINS - Eu já respondi isso para o Deputado, mas posso responder de novo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Já, né?

O SR. ALEX MARTINS - É que na época o Sr. Arilson foi pego e ele falou que fui eu que mandei fazer um grampo no Centro do Rio. Por isso que meu nome ficou envolvido. Porque até então eu estava em casa. Fui preso em casa.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor conhece o Marlésio?

O SR. ALEX MARTINS - Conheço, é meu tio.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Hein?

O SR. ALEX MARTINS - Conheço, é meu tio.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E nesse processo vocês estão juntos?



O SR. ALEX MARTINS - Estamos juntos.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O Neto o senhor conhece? O José Luiz da França Neto?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não conheço, não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não conhece?

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Vocês chegaram a trabalhar na antiga TELERJ?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Na antiga TELERJ não. Trabalhei na Telemar.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Já na Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Na Telemar.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Já era privatizada.

O SR. ALEX MARTINS - Trabalhei numa prestadora de serviço antes, depois na Telemar.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Prestadora de serviços.

O SR. ALEX MARTINS - A Itibra.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - A empresa em que vocês trabalhavam prestando serviços para a Telemar qual era?

O SR. ALEX MARTINS - Itibra.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Hein?

O SR. ALEX MARTINS - Itibra.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Itibra.

Qual é a sua visão do quadro hoje no campo que você atua? Você conhece mais alguém que tenha se envolvido ou tenha sido processado ou tenha sido preso por instalação, por interceptação telefônica?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não conheço, não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não, né?

O SR. ALEX MARTINS - Não conheço, não. E hoje em dia eu vejo que esse campo está muito aberto, porque tá... vê em noticiário... Você abre o jornal hoje em dia, você vê, o que mais vê é escritório de detetive particular oferecendo serviço, oferecendo inclusive gravação telefônica, oferecendo vários tipos de serviço sobre isso. O que mais tem hoje em dia no mercado é isso. É só você abrir o jornal.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Mas, no momento, o senhor tem alguma empresa?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Hoje em dia eu trabalho prestando serviço para a FIOCRUZ. Já vai fazer 3 anos agora.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Trabalha em quê?

O SR. ALEX MARTINS - Prestando serviço para a FIOCRUZ. Inclusive eu trouxe até a minha carteira. Está assinada já. Já está assinada já, por esse tempo que eu estou falando aqui, porque eu não estou mentindo. Está aqui a carteira. Se quiserem ver...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E o que o senhor admite que levou o Sr. José Luiz da França Neto a falar o seu nome como sendo um dos “grampeiros”, como ele chamou aqui?

O SR. ALEX MARTINS - É, eu acho que ele levou a fazer isso porque eu trabalhei na empresa dele, eu trabalhei na Telemar. Na época eu trabalhei para a Telemar. E trabalhava muita gente no DG. Não trabalhava eu, trabalhava muita gente no DG. E começou a surgir esse tipo de problema — entendeu? — e ele botou o meu nome.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ele fala aqui que... Segundo o Sr. Zé Luiz: *“Diversas denúncias de grampo no Rio foram direcionadas para Alex, acusado de trabalhar com seu irmão, cujo nome não é citado, e com seu tio Marlésio. Segundo Zé Luiz, Alex e o primo foram presos em flagrante com todos os equipamentos de interceptação, além de fitas, e foram processados pelo Ministério Público. É um ex-empregado da Telemar. Conhece toda a estrutura. Tem o conhecimento de toda, vamos dizer, mão-de-obra, e tem uma amizade ampla. Ele é o executor direto, ele e o primo dele”*. Aliás, não é o primo, é o tio, o Marlésio. São afirmações dele.

O SR. ALEX MARTINS - Aí o senhor falou até “irmão dele”. Eu sou filho único, não tenho irmão.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - É, ele...

O SR. ALEX MARTINS - Aí está irmão. Eu sou filho único, não tenho irmão. E o meu tio...



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sim, mas com relação ao Sr. Marlésio. Vamos esquecer o irmão.

O SR. ALEX MARTINS - Ah, tá, com relação ao Marlésio. O Marlésio...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Vocês trabalhavam juntos...

O SR. ALEX MARTINS - Não, negativo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - ... para essa empresa prestadora de serviços?

O SR. ALEX MARTINS - Não, negativo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca trabalharam juntos?

O SR. ALEX MARTINS - Trabalhar junto eu trabalho com ele hoje, que a gente trabalha como motorista. Ele trabalha numa empresa, eu trabalho em outra.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Na época, o Sr. Marlésio não trabalhava com o senhor nessa empresa?

O SR. ALEX MARTINS - Não, negativo. Negativo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E o que o senhor fazia nessa empresa que prestava serviços?

O SR. ALEX MARTINS - Trabalhava no DG.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - No...

O SR. ALEX MARTINS - Distribuidor Geral, no DG, fazendo ligações telefônicas.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Só ligações? Trabalhava na rede, para saber se tinha grampo, se não tinha grampo?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não. Isso aí era...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Trabalhou com o Sr. Neto?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Não trabalhei com Neto.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Presidente, as afirmações do Sr. Arthur Madur... do Sr. Neto, e agora eu passo para o Sr. Arthur Madureira, são de que, se o Sr. Arthur Madureira conhecia o Alex, ele diz que sim, e que ele trabalhava, trabalha com o Marlésio. Mas aqui ele diz: "*Eu acho que ele faz dupla com o Marlésio*". Então os 2, tanto o Neto, como o Dr. Arthur Madureira de Pinho, insistem que vocês trabalhavam juntos.



O SR. ALEX MARTINS - Por ser tio e sobrinho. Acho que deve passar pela cabeça dele, por ser tio e sobrinho, acha que trabalhavam juntos. Aí, não tem outra pessoa, coloca...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Só uma pergunta aqui para entender melhor o que o Deputado Simão Sessim está perguntando. Embora o senhor diga que vocês não trabalhem juntos, ambos estão — é isso que eu entendi —, ambos estão condenados no mesmo processo. É isso?

O SR. ALEX MARTINS - No mesmo processo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Por uma imputação de interceptação telefônica. É isso?

O SR. ALEX MARTINS - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então os senhores não trabalham juntos, mas estão condenados no mesmo processo por escuta telefônica, em primeira instância. Pelo menos estão em recursal. Eu acho que era desse esclarecimento que V.Exa. precisava.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O Presidente foi mais completo que eu, porque ele conhece bem o assunto. Essa que é a minha dúvida. Se vocês não trabalhavam juntos, como é que foram parar no mesmo processo?

O SR. ALEX MARTINS - Porque... Eu fui pego em casa. O rapaz falou que eu mandei ele botar um grampo no Centro. E o Marlésio foi porque ele teve um problema... acho que no Jardim Botânico, alguma coisa desse tipo. Foi alguma coisa desse tipo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ele foi preso no poste, é isso?

O SR. ALEX MARTINS - Ele foi preso, foi preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em flagrante delito?

O SR. ALEX MARTINS - Não, eu não sei responder se foi flagrante delito, não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Mais uma pergunta: o senhor conhece, profissionalmente, o senhor conhece... no período em que trabalhou lá, o senhor chegou a ser chamado pela Telemar para examinar se havia... fazer rastreamento ou saber se havia algum grampo em determinada linha ou em determinado telefone?



O SR. ALEX MARTINS - Não, olha só, quando eu trabalhava no DG, tinha uma equipe que fazia essa parte.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor fazia parte dessa equipe?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Essa equipe... Quem faz parte dessa equipe é o pessoal da segurança da Telemar, que faz parte dessa equipe. Eu só era responsável para poder fazer algum reparo interno ou fazer instalações novas internas.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E depois que saiu da Telemar, por conhecer do assunto, ter experiência, o senhor foi convidado por alguém, mesmo que não seja serviço contratado... alguém lhe pediu informações sobre como se faz isso, ou então o convidaram para fazer algum tipo de levantamento sobre grampo ilegal ou sobre grampo legal também, ou melhor, qualquer tipo de interceptação?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca ninguém o procurou?

O SR. ALEX MARTINS - Não, ninguém me procurou, não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não tinha nessa época... O diretor... Quando V.Sa. saiu da Telemar, ou melhor, saiu da empresa que prestava serviço, V.Sa. saiu a pedido? Alguém da Telemar pediu para o senhor ser exonerado da firma?

O SR. ALEX MARTINS - Não, negativo. Na época em que saímos foi porque... Saímos da Iti... Saí da Itibra e fui para a Telemar. Aí na época em que eu saí da Telemar foi porque ela privatizou, privatizou, aí mandou uma porção de gente embora, muita gente embora. Eu fui nessa leva, que eu fui mandado embora nessa leva.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - A empresa deixou de trabalhar para a Telemar, não?

O SR. ALEX MARTINS - Isso. Aí mandou muita gente embora. Teve gente que quis voltar, mas como eu vi que o salário não era compatível, o salário não era muito bom, eu preferi sair.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca mais, depois que saiu desse serviço, o senhor trabalhou em... nessa profissão de... com relação a telefone?



O SR. ALEX MARTINS - Não, porque até então, quando eu saí, com o dinheiro da minha rescisão, com o dinheiro de outras coisas, eu fui e comprei uma Kombi para trabalhar por conta própria.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Bem, Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - A Deputada Marina Maggessi não se encontra no momento. O Deputado Laerte Bessa é o próximo inscrito, depois... Aqui tem uma... (*Pausa.*) Desculpem-me, a Mesa está me orientando que essa aqui é da oitiva anterior. Então, com a palavra o Deputado Luiz Couto, depois o Deputado Laerte Bessa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, eu queria perguntar ao Sr. Alex Martins: a sua formação é acadêmica? O senhor fez esse curso de técnico onde para trabalhar nessa empresa?

O SR. ALEX MARTINS - Como? O curso técnico para trabalhar na Telemar?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, sim.

O SR. ALEX MARTINS - Ninguém que entra na Telemar faz curso técnico.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Como o senhor aprendeu a fazer essa coisa de ligação?

O SR. ALEX MARTINS - A gente, a gente vai... Na época em que entrei, a gente entra com conhecimento de um e de outro e fica fazendo tipo um estágio, um período de um estágio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois então onde o senhor fez esse estágio? Foi na Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Na própria Telemar mesmo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas a sua formação, em termos de educação, o senhor tem o primeiro grau, o segundo grau?

O SR. ALEX MARTINS - Tenho o segundo grau completo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Completo. Estudou em alguma escola técnica ou não?

O SR. ALEX MARTINS - Não, estudei não. Eu fiz somente o estágio diretamente dentro da Telemar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas antes de trabalhar na Telemar, o senhor trabalhou numa outra empresa.



O SR. ALEX MARTINS - Olha só, eu trabalhei na Tele... Telecomunicações foi nesse período que eu falei para o senhor, para o Deputado aqui.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Sendo que eu trabalhei para uma prestadora de serviço um tempo e depois entrei direto para a Telemar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas acontece o seguinte: quando alguém, por exemplo, o senhor trabalhava na... fazia ligação na Distribuição Geral.

O SR. ALEX MARTINS - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou seja, era alguém que entendia lá dos fios, como criar uma nova linha que a empresa determinava. O senhor tinha o conhecimento técnico, conhecimento técnico.

O SR. ALEX MARTINS - Hum-hum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse conhecimento técnico foi apenas o estágio que lhe deu?

O SR. ALEX MARTINS - Foi apenas o estágio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A empresa não exigia?...

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nenhuma...

O SR. ALEX MARTINS - Não exigia nenhum conhecimento técnico. Na época em que eu entrei, o pessoal fazia um estágio. Então, não só eu como várias pessoas, na época, faziam um estágio direto na Telemar e, com conhecimento, consegui uma vaga para trabalhar lá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas o senhor, por exemplo, lá na empresa também lhe disseram como é que se identificava vestígios de grampo? O senhor aprendeu também lá nessa empresa?

O SR. ALEX MARTINS - Dentro da empresa?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Assim, não diretamente eles falavam grampo; eles falavam extensão.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É porque o senhor...

O SR. ALEX MARTINS - Quando eu trabalhei lá dentro...



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Na pergunta que foi feita pelo Presidente, o senhor disse que identificava vestígios de que ali tinha acontecido alguma coisa estranha.

O SR. ALEX MARTINS - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Onde é que o senhor aprendeu isso?

O SR. ALEX MARTINS - Aonde eu aprendi?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Ah, na própria Telemar, quando eu trabalhava dentro do DG, internamente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse estágio era um estágio, ou seja, onde... quanto tempo durou esse estágio aí?

O SR. ALEX MARTINS - Mais ou menos um mês. A gente entrava... eu entrei, na época, conhecia até um rapaz lá dentro que conseguiu me colocar lá dentro: *"Bota esse rapaz aqui para fazer um estágio porque ele está desempregado"*. Aí eu fiz um estágio de 30 dias, o pessoal começou a explicar: fazer uma ligação é assim, assim, assado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quem foi esse rapaz que colocou o senhor lá dentro da Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Na época foi um ex-namorado da minha sogra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E ele entendia também dessa...

O SR. ALEX MARTINS - Ele trabalhava também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele trabalhava?

O SR. ALEX MARTINS - Trabalhava.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então o senhor também já deve ter aprendido alguma coisa com ele também, ele deve ter dado algumas informações de como é que funcionava essa questão da ligação de uma linha telefônica, etc.

O SR. ALEX MARTINS - Com ele, não, porque na época ele trabalhava só fazendo reparo externo. Ele me colocou para fazer um estágio interno, que é dentro do Distribuidor Geral, que é o chamado DG.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Tá. Então, a partir daí o senhor entra na Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor trabalhou numa empresa terceirizada e depois entrou na Telemar. Quem convidou o senhor — ou o senhor viu um anúncio de que estavam procurando técnico para trabalhar na Telemar? Como é que foi a sua entrada na Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - De prestador de serviço para a Telemar? É isso que o senhor perguntou?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não. Quando o senhor deixou de ser... de trabalhar para a empresa terceirizada...

O SR. ALEX MARTINS - No caso, a Itibra...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ...e passou a ser funcionário da Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - No caso, a Itibra era prestadora de serviço. Quando eu saí da Itibra e fui para a Telemar? É isso?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Foi todo mundo automaticamente. Os chefes de setor é que indicavam as pessoas para poderem passar diretamente para o quadro da Telemar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quanto tempo o senhor trabalhou nessa empresa terceirizada?

O SR. ALEX MARTINS - Na terceirizada?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Foi... Vou olhar aqui, espera aí. Na terceirizada eu entrei em 16 de maio de 97 e saí em 99. E, logo assim, em 23 de agosto de 99 eu já passei para a Telemar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Telemar. E o senhor, na terceirizada, tinha a mesma função que o senhor tinha na Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Positivo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ligador?

O SR. ALEX MARTINS - A mesma função.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ligador.



O SR. ALEX MARTINS - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO – Então o senhor era um... com o estágio o senhor se tornou alguém que conseguia fazer ligação para não botar nenhum defeito?

O SR. ALEX MARTINS - Isso. Positivo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Fazia reparo também?

O SR. ALEX MARTINS - Fazia reparo também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Era chamado também a cortar ligação?

O SR. ALEX MARTINS - Não, reparo é quando o telefone estava com problema.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, por exemplo, havia uma linha que tinha de ser eliminada. O senhor alguma vez foi chamado a fazer o corte de uma linha cuja conta não tinha sido paga?

O SR. ALEX MARTINS - Dentro da Telemar, sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Telemar também?

O SR. ALEX MARTINS - Dentro da Telemar ...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor fazia o corte também?

O SR. ALEX MARTINS - Fazia a retirada de alguma linha, algum...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - ... algum assinante que deixava de pagar por um determinado tempo...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Então o senhor não era só ligador, o senhor também era desligador de linhas?

O SR. ALEX MARTINS - Sabe por que Deputado, a função de ligador engloba todo esse serviço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu sei, no caso, porque é importante para a gente entender também...

O SR. ALEX MARTINS - Tudo bem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... que, de fato, tanto o senhor poderia montar a linha como o senhor poderia desmontar a linha.



O SR. ALEX MARTINS - Desmontar a linha, fazer... tipo assim, quando a pessoa deixava de pagar por um tempo, a gente botava um grampo lá para a pessoa não falar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Grampo. O senhor colocou alguma vez?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Grampo, lá dentro da Telemar, não é chamado nem de grampo, esqueci como se chama — é uma coisa que você bota na linha que a pessoa só fica recebendo ligação em casa, não pode fazer ligação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, com o corte não se podia fazer ligação.

O SR. ALEX MARTINS - Não fazia ligação.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, por exemplo, alguma vez na Telemar foi dada ao senhor a atribuição de fazer uma escuta telefônica legal, que a Justiça autorizou e que o senhor foi com a equipe para montar uma escuta telefônica autorizada?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Não, porque essa aí já era uma outra equipe que tinha dentro do DG.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Mas o senhor seria capaz de fazer isso?

O SR. ALEX MARTINS - Lá dentro?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Acho que sim, porque a gente entendia de tudo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já foi dito que o senhor não tem irmão. Aí, aquela informação não... O senhor conhece o Sr. Arthur Madureira Pinho?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca viu?

O SR. ALEX MARTINS - Nunca vi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor José Luiz da França Neto?

O SR. ALEX MARTINS - Também não. Para falar que eu nunca vi, eu vi só quando eles foram junto comigo lá no fórum, que eles foram dar o depoimento deles.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o senhor Waldecir Alves de Oliveira, conhece?



O SR. ALEX MARTINS - Não, não conheço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Marlésio o senhor conhece, que é o seu tio.

O SR. ALEX MARTINS - Meu tio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E a relação do senhor com o Pascoal? Qual era a relação? Pascoal era o quê?

O SR. ALEX MARTINS - Não, eu não conheci o Pascoal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o que ele era, o Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - No processo estava que ele era detetive particular.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas esse Pascoal... esse Arilson trabalhava para esse Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - Não sei, não sei informar ao senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O seu tio conhecia o Pascoal?

O SR. ALEX MARTINS - Meu tio? Meu tio conhecia o Pascoal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Conhecia o Pascoal. E conhecia também o Arilson?

O SR. ALEX MARTINS - Como? Eu não entendi a...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Arilson também você conhecia? Ou não?

O SR. ALEX MARTINS - Não, eu não conhecia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E como é que ele não o conhecendo, o senhor disse que ele o denunciou como sendo responsável por aquela atividade ilegal que o senhor fez?

O SR. ALEX MARTINS - Naquele determinado local?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Não, eu trabalhei, fui ex-funcionário da Telemar. Não conhecia ele diretamente, assim, de ser amigo dele. Ele trabalhou também na Telemar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas ele chegou a trabalhar com o senhor?



O SR. ALEX MARTINS - Não diretamente, na época em que eu trabalhava, não, na época que eu trabalhava, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quando o senhor ia fazer esse serviço ia sozinho ou era uma equipe que ia fazer?

O SR. ALEX MARTINS - Que tipo de serviço?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por exemplo, para desligar ou para ligar ou para fazer um reparo, era o senhor só ou o senhor ia com outras pessoas da Telemar?

O SR. ALEX MARTINS - Ah! Depende. Às vezes dava para fazer sozinho, às vezes tinha de pedir ajuda para algum amigo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, mas...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor conhece o Waldecir?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu perguntei, ele disse que não conhece.

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É o seguinte: uma pessoa só teria condição de montar uma escuta ou teria que ter ajuda de uma outra pessoa?

O SR. ALEX MARTINS - Uma escuta telefônica?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Dentro do DG?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

O SR. ALEX MARTINS - Dentro do DG o pessoal chamava de extensão. Era só passar um fio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Só passar um fio?

O SR. ALEX MARTINS - Passar um fio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O que é muito fácil.

O SR. ALEX MARTINS - Para quem entende...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É. E para desmontar também?

O SR. ALEX MARTINS - Para desmontar também.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual, mais ou menos, o tempo para fazer uma desmontagem? Por exemplo, se alguém faz lá uma... eu descubro que meu telefone está grampeado. Aí eu faço uma denúncia ao síndico do meu edifício. Quanto tempo para o cara desmontar, para ninguém pegar, numa varredura, pegar aquele grampo lá?

O SR. ALEX MARTINS - Eu trabalhava no DG, como eu informei. No DG a gente liga um fio a um outro terminal.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

O SR. ALEX MARTINS - Se ligou daqui para cá, para desligar era só tirar de lá para cá.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Na informação que foi dada aqui você, seu tio e outras figuras que faziam essa atividade com telefone tinham ampla amizade entre vocês. Foi dito aqui no depoimento. E que vocês conheciam toda a mão-de-obra para montar, para desmontar e para escutar uma linha telefônica fixa. O que o senhor diz dessas acusações?

O SR. ALEX MARTINS - Eu, durante esse período em que eu trabalhei na Telemar, realmente conhecia muita gente, tenho uma boa relação com muitas pessoas. Em todo âmbito de trabalho que eu vou trabalhar, inclusive um trabalho que eu tenho hoje, conheço muita gente, onde eu vou falar com todo mundo. Na Telemar não era diferente, a gente almoçava com muita gente, a gente marcava para sair depois do expediente. Eu conhecia realmente muita gente.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Na informação que foi prestada aqui, o senhor e seu tio foram presos quando estavam com todos os equipamentos de interceptação, além de fitas que, segundo a testemunha, vocês vendiam. O que o senhor diz dessa acusação?

O SR. ALEX MARTINS - Eu não tenho o que dizer, porque eu não fui preso com o meu tio, fui preso dentro de casa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nega?

O SR. ALEX MARTINS - Eu fui preso dentro de casa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nega que tenha...?

O SR. ALEX MARTINS - Nego, porque eu fui preso dentro de casa.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor nunca vendeu fita...



O SR. ALEX MARTINS - Eu nunca vendi.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... e nunca teve aparelho de interceptação telefônica?

O SR. ALEX MARTINS - Eu não...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca teve?

O SR. ALEX MARTINS - Oi?

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor ainda tem esse material?

O SR. ALEX MARTINS - Não, nunca tive. Nunca tive material nenhum desse tipo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nem na época?

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem tinha?

O SR. ALEX MARTINS - O quê?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O material?

O SR. ALEX MARTINS - Não, na denúncia que foi pego na primeira vez foi pego com o Marlésio. Mas eu fui preso dentro de casa. Porque ele ali está dizendo que eu fui preso com o meu tio.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, eu não estou dizendo, a acusação que foi dita.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Mas era do Marlésio ou você também era um...

O SR. ALEX MARTINS - Aí eu não sei, eu não sei informar se era dele ou não, porque eu não trabalhava junto com ele.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E do seu primo?

O SR. ALEX MARTINS - Que primo? Eu não tenho...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não tem primo?

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor conhece algum argentino?

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas o senhor, na pergunta que foi feita aí pelo Deputado Simão Sessim, falou que é um campo aberto. Ou seja, hoje é um campo aberto para essa atividade. Ou seja, hoje é fácil. O senhor, que trabalhou em



telefônica, acha que é fácil hoje qualquer pessoa ter um aparelho de interceptação telefônica?

O SR. ALEX MARTINS - Eu falei que o campo está aberto, sim, porque, se você pegar o jornal, todo dia você têm escritórios aí oferecendo esse tipo de trabalho, inclusive botando que faz gravação telefônica, que vende aparelhos telefônicos. Se você pegar um jornal vai ver que as pessoas estão oferecendo realmente esses aparelhos, oferecendo gravação telefônica, enfim, outros tipos de serviço na parte de investigação.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor chegou a trabalhar para alguma empresa dessa?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Conhece alguém que trabalhe para uma empresa dessa?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não conheço, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO – Para concluir, Sr. Presidente, eu queria perguntar ao Alex: o senhor considera que todo o processo a que respondeu, o senhor respondeu foi a um processo em que o senhor não tinha nenhuma acusação contra o senhor, o senhor não teria feito aquilo que o Ministério Público teria denunciado?

O SR. ALEX MARTINS – Com certeza.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor se considerou um injustiçado, mesmo tirando os 4 anos e pouco?

O SR. ALEX MARTINS - Com certeza, com certeza.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Hoje o senhor trabalha na FIOCRUZ prestando serviço. O senhor não é empregado, é uma prestação de serviço? Ou é empregado da FIOCRUZ?

O SR. ALEX MARTINS - Não, eu sou um prestador de serviço.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É autônomo ou tem uma empresa que...

O SR. ALEX MARTINS - Tem uma empresa terceirizada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Qual é a empresa em que o senhor trabalha hoje?

O SR. ALEX MARTINS - É a RIGICAR.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - RIGICAR. Porque na informação que foi dada aqui, Sr. Alex, diz que tanto o seu tio como o senhor, mesmo depois... estou colocando as informações para o senhor desmentir ou não, confirmar ou não.

O SR. ALEX MARTINS - Não, tudo bem.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Diz que tanto o senhor como o seu tio, mesmo pagando aquela pena, ou seja, estando livres, vocês continuam fazendo grampo ainda hoje. O que o senhor diz dessa informação, dessa denúncia?

O SR. ALEX MARTINS - Olha só, inclusive eu estava até ali fora pensando que todo tipo de problema que tiver hoje na mídia em relação à investigação, a grampo, eu acho que vão colocar Alex e Marlésio. "Ah, foi Alex e Marlésio." Eu acho que se as pessoas responsáveis procurarem investigar isso direitinho, direitinho mesmo, vão ver que não é nada disso. Se o pessoal precisar investigar, ir atrás da gente, fazer o que for, o que quiser que seja feito, vocês vão ver que não tem nada disso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer que o senhor diz que alguém querendo prejudicá-lo pode forjar e dizer...

O SR. ALEX MARTINS - Eu acho até que sim. Eu acho até que sim.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Está o.k. Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. ALEX MARTINS - Eu acho até que sim, porque eu tenho testemunhas de que eu trabalho com transporte, em empresa, tenho carteira assinada e tudo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Com a palavra o Deputado Laerte Bessa.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Sr. Presidente, eu queria perguntar ao depoente se ele começou a ter contato com a telefonia a partir de 1997, quando ele entrou na prestadora de serviço, ou antes ele já tinha conhecimento.

O SR. ALEX MARTINS - Não, não tinha conhecimento nenhum.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Foi a partir de 1997?

O SR. ALEX MARTINS - A partir de 97.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Eu tenho um depoimento no auto de prisão em flagrante em que você e seu tio, o Marlésio...

O SR. ALEX MARTINS - Isso.



O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - ... foram autuados em flagrante por interceptação ilegal. Em um dos depoimentos, a pessoa diz que você chegou a prestar serviço para as polícias do Rio de Janeiro. Você confirma isso?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Negativo. Negativo. Eu nunca prestei serviço para policial nenhum no Rio de Janeiro.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Eu não estou dizendo para policial, para a polícia em si: Polícia Civil e Polícia Federal. Você chegou a prestar serviço para eles?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Negativo.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Você conhece telefonia celular?

O SR. ALEX MARTINS - Não. Telefonia celular que eu conheço é meu celular, que eu sei mexer.

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Sei. Bom, Sr. Presidente, era só isso que eu tinha a perguntar ao depoente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mais alguém deseja formular algum questionamento? (Pausa.)

O senhor tem amigos policiais no Rio de Janeiro?

O SR. ALEX MARTINS - Se eu tenho amigos policiais?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Isso.

O SR. ALEX MARTINS - Amigos policiais que eu tenho são meu tio e meus primos, que são todos policiais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - São policiais civis ou policiais militares?

O SR. ALEX MARTINS - Policiais militares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E lotados onde?

O SR. ALEX MARTINS - Um é lotado no BPVE, que é meu primo; o meu tio é tenente da polícia reformado e outro meu tio trabalha no quartel general da polícia.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E policial civil o senhor não tem nenhum.

O SR. ALEX MARTINS - Policial civil, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então...



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ele disse que nunca fez serviço nenhum... O Deputado Laerte Bessa perguntou a ele se tinha feito algum serviço para a polícia, e ele disse que não. Mas chegou a ter, alguma vez, algum policial, ou ligado aos seus parentes, que pediu instruções para fazer esse tipo de interceptação ou te pediu para fazer diretamente?

O SR. ALEX MARTINS - Não.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca?

O SR. ALEX MARTINS - Policiais que eu conheço, eu estou falando, policiais são essas pessoas, meu tio...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Como?

O SR. ALEX MARTINS - Policiais que eu falei para o Deputado aqui são meu tio, dois tios meus e meu primo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Pois é, mas nenhum desses ou amigos deles ou gente ligada à polícia ou a algum órgão de segurança chegou a lhe pedir, e o senhor disse: *“Não, eu não faço isso.”*

O SR. ALEX MARTINS – Não, não, não me pediram nada, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Teve algum... alguma vez o seu telefone chegou a ser grampeado?

O SR. ALEX MARTINS - O meu celular? Se foi eu não tomei conhecimento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO – Tinha telefone fixo?

O SR. ALEX MARTINS - Se foi eu não tomei conhecimento.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você tinha telefone fixo? Teve conhecimento de que ele foi grampeado?

O SR. ALEX MARTINS - Não, não tive conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não havendo mais perguntas, V.Sa. está dispensado.

Peço ao Secretário da Comissão que faça entrar no recinto o Sr. Marlésio Maurício Martins. (Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Boa-tarde, Sr. Marlésio. O senhor tem o prazo de 10 minutos, se assim o desejar, para expor um pouco a sua vida pessoal e profissional e explicar a esta CPI por que V.Sa. acredita que hoje aqui se encontra.



O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Se encontra aqui devido a problemas que eu tive no passado, que não foi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Poderia falar um pouquinho mais próximo ao microfone?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Se encontra aqui devido a problemas que eu tive no passado, que não foi relacionado a gramos, mas que foram através de varreduras e também através de...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Poderia falar um pouco mais alto?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Foi através de varredura e através de... — como é que se diz? — ... acompanhamentos, no caso, aí, seguir pessoas, tirar fotos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Talvez seja mais fácil se nós formularmos as perguntas ao senhor.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Pode ser.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem é o senhor? Qual é a sua atividade profissional? Onde o senhor trabalhou? O senhor já foi preso, já foi processado?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Positivo. Sou motorista. Sou motorista atualmente, há uns 4 anos. Já trabalhei como camelô, doceiro, e fazia freelance em termos de acompanhamento de pessoas e de varreduras também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor já trabalhou para alguma empresa de telefonia?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Já trabalhei, há muitos anos atrás, para a Empresa ICATEL.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E a ICATEL era uma prestadora de serviço da TELERJ, da Telemar?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - É, da Telemar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E qual era a sua função na ICATEL?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Instalador de telefones públicos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Instalador de telefones públicos.



O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor conhece o Sr. Waldecir?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Negativo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor conhece algum policial?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Negativo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nem policial civil, nem policial militar.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nem civil, nem militar, nem federal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor não tem nenhum parente que seja policial militar?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Tenho irmãos que são policiais militares.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, o senhor conhece policiais militares.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Meus 2 irmãos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - São da ativa ou estão reformados?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Um da ativa e um reformado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, podemos dizer que, ao invés de o senhor dizer que não conhece, o senhor conhece, porque o senhor tem 2 irmãos.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nesse caso, tenho 2 irmãos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor, na sua atividade como instalador de linha... É isso, era instalador de linha? Não?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Instalador de telefone público.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Telefone público. Durante a sua atividade, o senhor só instalou telefone público para a empresa?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Só instalei telefone público para a empresa.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Está certo. O senhor conhece algum detetive particular?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Conheci, há muitos anos, o Sr. Pascoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Senhor?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Pascoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pascoal. E ele era o quê? Uma empresa de detetives? Ele tinha um escritório de detetives?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Tinha uma empresa de detetive. Inclusive, eu fiz curso também de detetive particular.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor, de vez em quando, prestava alguns serviços a ele, não é isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - *Freelance*, em termos de acompanhamento de pessoas e varredura de linhas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Acompanhamento de pessoas, o senhor está me explicando que é seguir pessoas aonde elas iam, é isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas não era fazendo a segurança delas, era investigando elas, é isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Exatamente, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, o senhor fazia aquilo que, no jargão policial, se chama campana.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Positivo, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E quanto tempo o senhor trabalhou fazendo campana para o... Era como *freelance* ou o senhor era funcionário dele?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, era *freelance*. Só volta e meia, de vez e quando.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em que tipo de casos o senhor fazia esse tipo de trabalho?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Geralmente marido traído, mulher com desconfiança do marido.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Casos de infidelidade conjugal.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E ele também usava outros métodos para fazer essas investigações? Às vezes, o marido ou a mulher pedia para fazer uma interceptação do telefone dentro de casa...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Comigo, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Com o senhor, não?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor nunca viu um gravador de interceptação de telefone na sua vida?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Nunca viu?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor já foi preso e processado, não?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Já sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Pelo quê, hem?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Eles me acusam de interceptação telefônica, mas não foi isso, foi varredura. Eles pegaram um gravador dentro do meu carro devido à varredura que eu fiz para uma pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não entendi. O senhor quer dizer que... O senhor já foi processado? É isso o que o senhor está me dizendo?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Processado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sob a acusação de ter sido pego fazendo um grampo telefônico, é isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não. Nunca fui pego com gravador em lugar nenhum.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Sei.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Meu carro foi parado, e encontraram o gravador que eu usava para, no caso, quando a pessoa saía, eu



ligava o gravador e falava: “A pessoa saiu a tal hora e a tantos minutos de tal rua e está indo ao destino tal. Entrou na rua à direita, dobrou à esquerda.” Só para isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E é isso o que estava registrado na fita?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Foi degravada essa fita?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Foi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E, então, quer dizer, o senhor foi absolvido desse processo?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Negativo. Estou sendo... o processo ainda está em andamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Já houve sentença em primeira instância?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Já houve sentença. Foi...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor deve ter sido absolvido, já que o seu gravador não dizia nada e o senhor não estava fazendo grampo. Então, essa imputação que lhe fizeram deve ter levado o senhor à absolvição, não é isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Eu fui condenado, mas está em recurso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, o senhor chegou a ser condenado em primeira instância?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não sei se vou ser condenado. Está em recurso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não, o senhor foi condenado em primeira instância?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E agora está em grau de recurso à instância superior?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E qual era a acusação? Era grampo telefônico? É isso? Como é que aconteceu essa história? O senhor



pode nos contar onde, quando e como aconteceu essa história que levou o senhor a ser preso e processado? Como é que funcionou isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Isso foi na Fonte da Saudade, no Rio de Janeiro. Eu estava disfarçado de funcionário da Telemar. Eu já tinha saído da Telemar, então estava disfarçado e, por estar disfarçado, consegui adentrar no prédio para tentar fotografar a pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor estava com uma máquina fotográfica na hora?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Eu estava com uma máquina fotográfica. A máquina fotográfica sumiu, não apareceu mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ficou só o gravador?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, o gravador... não apareceu gravador, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas o senhor não estava com um gravador no carro?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, senhor. O gravador que estava no carro...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas o senhor não disse aqui, agora há pouco, que o senhor estava com um gravador no carro?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - No carro, no carro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então! Estou lhe perguntando: o senhor estava com gravador no carro?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - No carro. Estava sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ou seja, o senhor estava fantasiado de funcionário da Telemar, entrando num prédio, com um gravador no carro, para tirar fotografia com uma máquina que desapareceu. É isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - A máquina desapareceu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - É essa a história?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - A máquina desapareceu. O gravador...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas a minha pergunta é a seguinte... O senhor me contou uma história — e estou tentando entender a história.



A história que o senhor me contou é a seguinte: o senhor estava fantasiado de funcionário da Telemar sem ser funcionário da Telemar, é isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E aí o senhor foi entrar em um prédio, disfarçado de Telemar, com uma máquina fotográfica. E aí o senhor foi preso pela polícia porque o senhor estava fantasiado de Telemar com uma máquina fotográfica, mas a máquina sumiu. E a polícia só achou no seu carro, com o qual o senhor foi até a Fonte da Saudade para entrar nesse prédio, um gravador.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Positivo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, agora eu entendi.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - O gravador com o que eu tinha feito ali uma varredura e tinha deixado no carro. Eu tinha feito uma varredura anteriormente, achei um gravador e deixei no carro. E aí parti para a Fonte da Saudade, para tirar foto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, o senhor fez uma varredura...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Anteriormente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Em algum lugar...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Contratado por alguém.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Contratado por alguém.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Quem contratou o senhor?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Quem me contratou foi o Pascoal, que era o contato.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ele contratou o senhor para fazer uma varredura numa linha?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Numa linha.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Onde?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Jardim América.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Onde é o Jardim América?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Ah, não me recordo. O bairro eu me recordo, a rua eu me recordo, mas não recordo o...



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E onde é o Jardim América? Porque tem muitas pessoas que não são do Rio aqui.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - No Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Mas em que lugar do Rio de Janeiro?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - É mais ou menos ali na altura da Avenida Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Na Avenida Brasil. E aí o senhor foi fazer uma varredura no local e achou um gravador onde? Na casa de alguém, num poste...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Num poste, num poste.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor subiu em cima do poste e achou o gravador. E o que tinha nesse gravador?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Ah, tinha uma fita gravada. Um gravador com uma fita gravada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Uma fita gravada de quê? De conversas telefônicas?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Isso. Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Ah, então esse gravador não é aquele gravador que o senhor disse que o senhor usa para seguir as pessoas e dizer o que estavam fazendo?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nesse momento eu só estava com esse gravador, só.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Com esse que estava com a fita que o senhor tirou no Jardim América?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Isso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Não estava com esse outro que o senhor fazia...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, só esse.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Entendi. Vou me reservar para fazer outras perguntas e vou passar para o autor do requerimento.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Presidente, eu vou pegar o gancho de V.Exa..

Nesse serviço ou em outro serviço, o seu sobrinho... Alex é seu sobrinho?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Positivo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nesse serviço ou em outro serviço em que o senhor tenha feito varredura — como o senhor está chamando —, apesar de gravadas as fitas, o senhor tinha a companhia do Alex?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Em momento algum. Eu trabalhava sempre sozinho.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sempre trabalhou sozinho?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Sempre trabalhei sozinho.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não chegou a haver entre vocês um trabalho, mesmo que fosse um trabalho legal, solicitado por uma entidade ou outro? Nunca trabalharam...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, não. Nunca trabalhei junto com ele.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E o fato da prisão só se deu nesse dia, nesse caso, lá na Avenida Brasil? Só esse caso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Só esse caso. Na Fonte da Saudade.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Qual é a atual profissão do senhor? O senhor é motorista?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Sou motorista.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Tem empresa própria?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, o carro é locado na empresa Forjas do Brasil, em Queimados, Estado do Rio.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Esse equipamento que o senhor tinha na época, que se fardava de funcionário da Telemar para fazer esse serviço de detetive particular, esse equipamento o senhor ainda possui?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, não possuo mais nada. Desde 1994 eu me desfiz de tudo. Desde que houve esse problema me desfiz de tudo. Não trabalho mais com isso, não.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nunca mais foi chamado para fazer nenhum serviço?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nunca mais, nunca mais, nunca mais.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O senhor conhece ou conheceu, nessa ocasião, nessa época ou na época em que o senhor trabalhou com telefonia, o Sr. José Luiz da França Neto?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nem o Sr. Arthur Madureira?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Quem é que o senhor conhecia na Telemar?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Na Telemar!? Eu não trabalhava na...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ou na TELERJ.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Eu trabalhei na empresa terceirizada...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Mas o senhor conhecia alguém lá dentro?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não. Não, senhor.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Você se lembra de algum amigo seu, dessa época, que era funcionário lá?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Da ICATEL?

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não, eu digo lá, que trabalhava dentro da Telemar, para a Telemar.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não. Como eu falei para o senhor, eu trabalhava sozinho, fazia campanha sozinho e fazia as varreduras sozinho. Era contratado pelo detetive particular Pascoal e fazia...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Eu insisto: o Alex nunca trabalhou com o senhor?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, senhor. Nunca trabalhou comigo.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM – Só agora. Agora trabalha?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, nem agora trabalha.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Não trabalha?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, de forma nenhuma. Eu trabalho na Forjas Brasileiras, e ele trabalha na Fundação Oswaldo Cruz.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - É que nós temos aqui o depoimento do Sr. José Luiz da França Neto. Em várias vezes perguntado, ele insiste em dizer que o Sr. Alex e o Sr. Marlésio Martins, seu tio, eles são sempre acusados em diversas denúncias de grampo. Eles foram presos, processados pelo Ministério Público, e o senhor não teve nenhuma vez preso ou processado juntamente com eles?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Estive processado, mas não no mesmo processo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Com ele?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Com ele, mas não no mesmo processo.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Foi condenado?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Eu fui condenado.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Cumpriu pena alternativa?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - No momento, não. Está em recurso. Estou em recurso. O meu processo está em recurso.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Presidente, eu queria me basear... a convocação dos 3 depoentes de hoje foram em cima desses depoimentos, do Arthur Madureira e do José Luiz França Neto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E acho que V.Exa. fez bons requerimentos, até porque, pelo que nós estamos podendo depreender, as informações que nos foram prestadas estão sendo corroboradas, de alguma forma, por via transversa, pelos depoentes que aqui compareceram, porque todos eles, mal ou bem, estão sendo processados pela prática indevida de escuta telefônica, com sentenças ainda pendentes de trânsito em julgado, mas — inclusive o que ora se encontra na Mesa — condenados já em primeira instância, com recursos pendentes. Então, ao que parece, as denúncias que chegaram a esta CPI estão sendo



corroboradas pelos fatos. Então, o requerimento de V.Exa. foi muito bem colocado e está sendo bastante esclarecedor para esta Comissão Parlamentar de Inquérito.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Sr. Presidente, para mim basta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputado Luiz Couto com a palavra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Seu Marlésio Maurício Martins. É o seu nome, não é?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Positivo.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor tem quantos anos, Sr. Marlésio?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Quarenta e dois anos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Começou a trabalhar com quantos anos?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Trabalho desde 12 anos de idade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Doze anos.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Doze anos de idade.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Aí o senhor disse que foi camelô, doceiro... e o senhor começou a trabalhar nessa ICATEL com quantos anos?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Ah, tem muitos anos, tem muitos anos. Já passaram mais de 15 anos, já.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Já tinha... mas o senhor trabalhava, trabalhou quanto tempo nessa empresa?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Geralmente as empresas terceirizadas duram mais ou menos 2 anos, por aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Dois anos. Como é que o senhor conseguiu esse emprego? Como foi?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Fazendo cursos!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, o senhor tem formação técnica?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Tenho formação técnica!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor fez essa formação onde?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Hâ?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor fez essa formação técnica onde?



O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Eu fiz a formação técnica junto com outro técnico da extinta... Outra empresa terceirizada. Não me recordo agora o nome.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. E esse curso durou mais ou menos quanto tempo?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Ah, durou uns 5 meses, mais ou menos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Esse curso era... O senhor aprendeu a montar telefone público, mas o senhor aprendeu também a fazer outras coisas. Que outras coisas o senhor aprendeu durante esse curso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Fazer varredura!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Varredura.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Só.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Também montar e desmontar escuta? Também?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - É, a varredura consiste em tirar a escuta do...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, certo. Então, o senhor, nessa sua atividade, disse que trabalhou para o Sr. Pascoal.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pascoal. A linguagem que o senhor fala, para o exemplo, é sempre aquela de "positivo" e "negativo". Parece a do policial, que foi treinado para dizer "negativo" ou "positivo".

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, não fui treinado, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou seja... Porque, quando a gente responde de outras formas, então, podem, na palavra, aparecer também contradições.

Eu queria saber o seguinte: o senhor entrou nessa ICATEL, que prestou serviços para a Telemar.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Correto?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Correto.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Durante o tempo em que o senhor trabalhava para a Telemar, o senhor apenas cuidava de fazer instalação de telefones públicos.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Isso daí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Isso!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, nas horas de folga, o senhor fazia *freelance* para o Sr. Pascoal.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não. Quando eu saí da ICATEL, quando eu saí, eu já estava afastado, a empresa acabou, aí é que eu fui trabalhar de camelô. Conheci o Sr. Pascoal, fiz o curso de detetive particular também...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, sei.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - E, com ele...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ah, então, o senhor fez o curso de detetive particular?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É, acho que... Por causa da linguagem, que também é...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Fiz curso de detetive particular com ele...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Nesse período em que o senhor fez o curso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O Deputado Simão Sessim deseja a palavra?

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Hem?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O Deputado Simão Sessim deseja a palavra? Está aparteando o Padre Couto?

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Pegando o gancho.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mesmo ele sendo flamenguista, eu dou a palavra a ele.



O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Eu te pergunto o seguinte: nessa época de detetive particular, você chegou a ser contratado por alguém para fazer algum serviço de varredura ou de telefonia?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Cheguei a ser contratado através...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Por conta própria?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, por conta própria, não. Só através do Sr. Pascoal; o Sr. Pascoal que tinha escritório.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - E nenhuma vez o Alex estava com o senhor?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nenhuma vez ele estava comigo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Acho importante, se o senhor puder também, Padre Couto, o nome todo do Pascoal e onde ele está estabelecido.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - O Pascoal tinha um escritório na Uruguaiana com a Avenida Presidente Vargas, no vigésimo primeiro andar. Agora parece também que ele parou com essa atividade também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Qual é o nome dele todo?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - É Pascoal... Ele é argentino.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ele é argentino?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Ele é argentino. Eu só sei que o nome dele é Pascoal e tem...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Então, o argentino citado aqui no depoimento do Sr. José Luiz da França Neto... Ele diz que, juntos, estavam sempre participando desse tipo de atividade. Ele fala no Alex e fala no tio do Alex e fala num argentino. Esse argentino a que ele se refere é o Sr. Pascoal?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - O Sr. Pascoal, mas...

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Ele é argentino?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Ele é argentino, mas só eu trabalhava com ele.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - O Alex não conhecia o argentino?



O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, não tinha intimidade com ele.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E o Arílson? O senhor conheceu o Arílson?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não. O Arílson também já é outra parte. Não tem nada a ver com o meu processo, não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O Sr. Waldecir Alves de Oliveira o senhor conheceu?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nunca vi. Fui vê-lo aqui, hoje.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O.k.

Além de trabalhar para o Sr. Pascoal, o senhor trabalhou alguma vez para algum policial?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nunca. Os únicos policiais que eu conheço são os meus 2 irmãos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nem para... Só para o Sr. Pascoal.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Só para o Sr. Pascoal. E assim mesmo não era todo dia. Era uma vez ou outra que ele pedia um *freelance*.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo, mas veja o seguinte: o senhor vai e identifica que lá num poste tinha uma escuta telefônica. Significa que o senhor é um técnico capacitado para descobrir isso aqui. O senhor foi e disse: "Ali tem". E o senhor foi e lá encontrou o gravador, não é isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Isso.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer, o senhor é um técnico bem preparado para qualquer atividade...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, nem todas as atividades. As atividades que eu faço era a instalação de...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não, eu digo, para qualquer atividade que o senhor aprendeu no curso com essa pessoa, e o senhor também se capacitou também na ICATEL. Isso deu para o senhor um cabedal para que o senhor possa trabalhar em várias funções dentro da telefonia.



O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Dentro da telefonia o que eu sei fazer é varredura e instalação de orelhão, mais nada.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo. Reparo também, é claro...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, reparo já é outro...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Desmonte de coisa o senhor faz também, não é?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, só...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O senhor disse que faz parte da varredura montar e desmontar.

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, montar e desmontar, não. Eu falei aqui, em juízo, que a única coisa que eu faço é varredura.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas a varredura não...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Varredura e instalação de telefone público.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim, mas, se o senhor tem uma varredura e o senhor descobre que ali tem uma varredura, é claro que a pessoa que lhe pagou vai querer que o senhor desmonte a...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Com certeza. É só cortar o fio e tirar!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois é, então o senhor também sabe montar e sabe...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não, montar, não. Sei tirar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas quem sabe desmontar, Sr. Marlésio, sabe também montar. Isso aí o senhor não pode...

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Montar é uma coisa; desmontar é outra.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ou seja, sabe cortar um fio, mas não sabe colocar um fio lá. Aí, não. Aí o senhor pode enganar quem o senhor quiser. Mas, de fato, isso não se explica. Até o seu sobrinho disse que isso é fácil de fazer, como é fácil... Ele nunca fez, mas, como ele aprendeu lá no estágio, diz que é fácil de montar e é facilíssimo de desmontar. Foi isso que foi dito aqui. Então, não venha agora dizer que pode desmontar, mas não pode montar.



O senhor...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputado Luiz Couto, V.Exa. sabe muito bem que quem muito por antecipação se defende acaba no fundo se acusando, não é?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

Eu queria o seguinte: pela informação que tenho aqui e que foi prestada, quando o senhor foi preso, o senhor estava com todos os equipamentos de interceptações, além de fitas, que, segundo a denúncia, o senhor vendia. O que o senhor diz dessa acusação?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nunca vendi fitas. Nunca vendi fita!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nunca vendeu?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nunca vendi fita.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - O senhor as entregava gratuitamente ao Pascoal, quando as recolhia?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Quando eu fazia a varredura, eu entregava a ele!

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Certo.

Também a informação é de que, mesmo depois que vocês foram indiciados e foram condenados, segundo a denúncia, o senhor, no caso — não posso falar pelo outro —, continua fazendo grampo hoje, de novo. O que o senhor diz dessa acusação?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - O senhor pode mandar a pessoa me acompanhar. Durante 4 anos, desde o momento em que eu fui pego...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Quer dizer que o senhor nega isso?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Nego, nego veementemente. Nunca mais, nunca mais...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Hoje o senhor trabalha apenas como motorista?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Como motorista. Pode fazer o levantamento da minha vida de cabo a rabo.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Qual foi a última interceptação que o senhor fez?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Foi em... Interceptação? Nunca foi interceptação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Então, qual foi a última varredura que o senhor fez?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Foi, se não me engano, acho que foi em 2004. De lá para cá, nunca mais.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Para o mesmo Pascoal?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Para o mesmo Pascoal.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - No dia em que o senhor foi detido, preso, para quem o senhor estava trabalhando?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Para o Pascoal!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E quem era o cliente?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não sei quem era o cliente. Ele só simplesmente repassava o serviço para mim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E quem era a pessoa que estava sob observação?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Quem era a pessoa que estava sob observação?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Isso!

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Ah, ele me deu uma pessoa...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Um nome e um endereço. Qual é o nome e o endereço da pessoa?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Ah, isso eu não me lembro. Só me lembro o prédio, só. Passou muito tempo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E qual é o nome da pessoa?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Não me lembro o nome da pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - E o senhor, quando encontrou a fita e o gravador, o senhor chamou a Polícia?



O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Negativo, porque, dessa vez, da última vez em que eu fui preso...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Todas as vezes em que o senhor achou o senhor chamou a Polícia?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Negativo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Por quê?

O SR. MARLÉSIO MAURÍCIO MARTINS - Porque eu era pago pelo detetive particular para procurar a escuta telefônica, retirar e dar a ele, porque aí ele me pagava o meu dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Certo.

Ao final desta Comissão Parlamentar de Inquérito, V.Sa. irá saber o que lhe coube nesta Comissão. Se o senhor quisesse colaborar mais com a Comissão, seria importante para a Comissão e seria importante para o País, mas, ao que parece, o senhor não está com muito boa vontade de colaborar.

O Deputado Laerte Bessa tem algum questionamento?

O SR. DEPUTADO LAERTE BESSA - Sr. Presidente, eu não tenho questionamento, não. Eu acho que nós temos que reconhecer que todos os 3 depoentes que estiveram aqui são excelentes artistas. Fizeram teatro. São escolados; fizeram a parte deles.

Eu acho, Sr. Presidente, que nós devemos ir mais fundo nas investigações. Eu acho que nós temos condições de angariar instrumentos para servir de prova para a nossa CPI e nós temos condições para isso, principalmente prova material, porque nesse tipo de depoimento... E hoje estão vindo pessoas acusadas, plenamente acusadas, reconhecidas como grampeiros no Rio de Janeiro. É o caso do Sr. Marlésio, do sobrinho dele e do Waldecir. Todos os 3 são conhecidos e ventilados por inúmeras vezes por fazerem grampos irregulares no Rio de Janeiro.

Então, dessa cena que eles vieram provocar a nós aqui nós temos que tirar proveito. Nós vamos tirar muito pouco proveito, mas nós podemos dar o troco a eles com o trabalho de investigação que nós sabemos fazer. Podemos buscar a prova material para incriminá-los, dentro da nossa função e da nossa competência, que é apurar os grampos ilegais, as interceptações ilegais no País, nós teremos subsídios para, mais uma vez, condená-los, não só pelos crimes pelos quais eles já foram



condenados. Eles foram condenados em autos de prisão em flagrante por interceptação irregular e vendas de fita. Agora, podemos também indiciá-los aqui na CPI com o instrumento legal, angariando provas materiais e até testemunhais que conhecem muito bem a ação desses 3 delinqüentes lá no Rio de Janeiro.

Era só isso que eu queria dizer.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Deputado Laerte Bessa, V.Exa. talvez seja dos membros desta CPI com maior experiência na atividade policial, tendo em vista que foi o Chefe da Polícia Civil do Distrito Federal, uma Polícia reconhecidamente competente neste País. E ouvir isso de V.Exa. é muito importante para nós, que somos seus pares, para que possamos cada vez mais nos aprofundar nessas questões.

Eu acho que V.Exa. colocou com muita pertinência a questão que deve se desenvolver a partir desses depoimentos. Ao contrário do que pareceu a alguns Deputados aqui, pareceram-me plenamente corroboradas as denúncias que foram formuladas a esta CPI. As esquivas antecipadas que os depoentes fizeram durante os seus depoimentos aqui, em que, na verdade, a gente só estava buscando apurar os fatos, demonstram efetivamente um grau de culpa nessas atividades. Eu tenho certeza de que a Justiça do Brasil há de condená-los e há de recolhê-los à prisão.

E, com certeza, esse trabalho não vai parar aqui, porque esta Comissão Parlamentar de Inquérito está comprovando aquilo que ela veio buscar como comprovação: que os grampos legais estão sendo feitos com abuso e que os grampos ilegais existem e continuam aí sendo feitos por pessoas inescrupulosas e criminosas, porque é um crime de invasão da privacidade e é um crime hoje capitulado em lei própria. Além disso, nós iremos ver também que os equipamentos não têm o devido controle.

Por isso, acho que esta Comissão está cumprindo com a sua obrigação, cumprindo com o seu dever e mostrando ao Brasil a cara dos grampeadores que invadem a privacidade das pessoas, cometendo um crime que eu considero um crime hediondo. E eles aqui estão vindo, aqui estão mostrando a sua cara para o Brasil e, com certeza, vão colher aquilo que plantaram, ou seja, vão colher o que a Justiça lhes reserva.



Muito obrigado, Sr. Deputado Laerte Bessa. Eu não tenho mais questionamentos a fazer, até porque me parece que já estão bastante claros os fatos por nós apurados, que, muito mais importante do que a coisa objetivamente dita — e tendo em vista que essas pessoas não desejam colaborar efetivamente para que a justiça seja feita neste País —, nas entrelinhas e nas suas entrepalavras, estão patentes o que cada um é e o que cada um já fez no que diz respeito a essa atividade de interceptação ilegal no País.

Então, eu dispenso a pessoa que foi inquirida e vou encerrar este trabalho. Podem dispensá-lo. Ao final, não se surpreendam com os relatórios desta Comissão Parlamentar de Inquérito.

O SR. DEPUTADO SIMÃO SESSIM - Como, Sr. Presidente? Eu não ouvi.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marcelo Itagiba) - Que ao final eles não se surpreendam com o resultado desta Comissão Parlamentar de Inquérito.

Nada mais havendo a tratar, vou encerrar os trabalhos, antes convocando os Srs. Deputados para a próxima reunião ordinária, a realizar-se amanhã, dia 9 de abril, às 14h30min, no Plenário 11 do Anexo II, para tomada de depoimento dos Srs. Luiz Carlos Roque e Luiz Carlos Simões, ambos inspetores da Polícia Rodoviária Federal.

Será um depoimento bastante importante, porque, pelo que nós já pudemos observar do trabalho que realizamos, a Polícia Rodoviária Federal, de forma indevida, de forma ilegal, andou praticando interceptações telefônicas. Os depoimentos desses indivíduos serão bastante esclarecedores para que nós possamos avançar nos nossos trabalhos.

Está encerrada a presente reunião.